



## **DAVID RICARDO SOB A ÓTICA DE KARL MARX: APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO E IDEOLOGIA**

Carla Curty do Nascimento Maravilha Pereira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Mello de Malta

Rio de Janeiro  
Novembro 2012

# **DAVID RICARDO SOB A ÓTICA DE KARL MARX: APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO E IDEOLOGIA**

Carla Curty do Nascimento Maravilha Pereira

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Mello de Malta

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Aprovada por:

---

Presidente da Banca Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Mello de Malta – Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Franklin Leon Peres Serrano – Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angela Ganem – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
Novembro 2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

PEREIRA, Carla Curty do Nascimento Maravilha.

David Ricardo sob a ótica de Karl Marx: Apontamentos sobre história do pensamento econômico e ideologia/ Carla Curty do Nascimento Maravilha Pereira. - Rio de Janeiro: UFRJ/ IE, 2012.

80f.: 30 cm.

Orientadora: Maria Mello de Malta

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IE Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional, 2012.

Referências Bibliográficas: f. 76-80.

1. David Ricardo 2. História do Pensamento Econômico 3. Ideologia 4. Karl Marx. I. MALTA, Maria Mello de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional. .III. Título.

## RESUMO

### DAVID RICARDO SOB A ÓTICA DE KARL MARX: APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO E IDEOLOGIA

Carla Curty do Nascimento Maravilha Pereira

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Mello de Malta

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

A proposta desta dissertação é apresentar os principais elementos do método em História do Pensamento Econômico (HPE) exposto por Karl Marx em sua obra *Teorias da mais-valia*, o livro IV de *O Capital*, obra considerada fundamental para o estudo sobre HPE em Marx. Através da análise de seus estudos sobre David Ricardo – considerado por Marx um dos principais nomes da economia política burguesa – pretende-se expor a abordagem da HPE realizada por Marx. Entende-se que um elemento fundamental para uma análise em HPE, e, portanto, em teoria econômica, seja a ideologia, elemento indissociável de qualquer formulação teórica. Desta forma, pretende-se investigar como a questão ideológica se apresenta nesta abordagem, de maneira a identificar as possíveis diferentes acepções de Karl Marx sobre o conceito de ideologia – questão amplamente debatida na tradição marxista – expondo a relação entre ideologia e história do pensamento econômico.

Palavras-chave: história do pensamento econômico; David Ricardo; Karl Marx; ideologia

Rio de Janeiro  
Novembro 2012

## ABSTRACT

### DAVID RICARDO SOB A ÓTICA DE KARL MARX: APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO E IDEOLOGIA

Carla Curty do Nascimento Maravilha Pereira

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Mello de Malta

*Abstract* da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

The purpose of this dissertation is to present the main elements of the method in History of Economic Thought (HET) exposed by Karl Marx in his work *Theories of Surplus Value*, the book IV of *Capital*, a work considered fundamental to the study of HET in Marx. Through the analysis of his studies of David Ricardo - considered by Marx one of the main names in the bourgeois political economy – it is intended to expose the approach of HET performed by Marx. It is understood that a key element in an analysis in HET, and therefore in economic theory, is *ideology*, an inseparable element from any theoretical formulation. Thus, we intend to investigate how the ideological question is presented in this approach, in order to identify the possible different meanings of Karl Marx's concept of ideology - an issue widely debated in the Marxist tradition – exposing the connection between ideology and history of economic thought.

Keywords: history of economic thought; David Ricardo; Karl Marx; ideology

Rio de Janeiro  
Novembro 2012

*As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade da autora.*

## **Agradecimentos**

Agradecer é sempre uma agradável tarefa, no entanto, freqüentemente não é feita de forma suficiente. Espero conseguir cumpri-la de forma a demonstrar toda minha gratidão e carinho.

Considero que o conhecimento não é gerado individualmente, que a partir das trocas, bate-papos, leituras, experiências, enfim, da vida em sociedade, e, em especial, a partir da convivência com as pessoas próximas e queridas, que surgem boa parte das nossas idéias e concepções de mundo. Nesse sentido, essa dissertação não é somente minha, mas é fruto da influência de diversas pessoas que fazem ou fizeram parte da minha vida e às quais preciso agradecer muito.

A começar pela minha família, origem de tudo. Gostaria de agradecer ao meu pai e à minha mãe pelo inesgotável amor e incrível paciência comigo ao longo desses longos anos. Pelo total apoio durante toda minha formação, ainda que as escolhas que eu possa ter feito não terem sido as mais fáceis. Em especial, pelo apoio e incentivo para a escolha da vida acadêmica. Não é fácil poder estudar o que se ama, poder ter o tempo e a dedicação para se buscar a carreira desejada, ainda mais uma carreira de acesso tão elitizado no Brasil. Sei que se não fosse pelo carinho, paciência e suporte sempre presentes, nada disso seria possível, vocês são o meu porto seguro. O agradecimento se estende às minhas avós (*in memoriam*), que nunca deixaram de me apoiar, me incentivar e vibrar com as minhas conquistas, assim como todo o resto da pequena, mas querida família, estejam eles no Rio de Janeiro ou em Nova Friburgo.

Gostaria de agradecer aos meus incríveis amigos. O clichê dos amigos serem a família que escolhemos não poderia se aplicar melhor. Meus amigos são fundamentais em todos os aspectos da minha vida. Alguns eu carreguei desde a infância na serra, outros tantos foram se

incorporando à minha vida aos poucos, em diferentes lugares e momentos, em especial no IE. Muitos moram longe e machucam o coração com a saudade, outros estão sempre a uma distância mínima, sendo parte do meu cotidiano. Alguns foram, de fato, minha família, dividindo o mesmo teto, as contas, os problemas e as diversões do lar ou, para os íntimos, da *Comuna de Botafogo*. Alguns dos mais recentes foram presentes que o PEPI me deu. Muitos dividem o sonho e a vontade de mudança da realidade em que vivemos e me inspiram cotidianamente. Todos são especiais, insubstituíveis, fonte de diversões, carinho, apoio e companheirismo, em especial: *Allan, Amalinha, Bruno, Bob, Bonecini, Caio, Carla, Carol, Castelo, Cecí, Conrado, Cris, Dani, Esther, Fernanda S., Fernanda M., Fernando, Fernando P., Júlia, Juju, Ju, Lari, Laurinha, Leandro, Letícia, Marcela, Maria, Marina F., Marina M., Mário, Mauro, Mila, Nati, Perlinha, Rafa, Renato, Rodrigo, Suzana, Suprani, Tiago, Vinicius, Vitinho, Zelesco e todos os membros da hora do play*, muito obrigada, por tudo, sempre!!!

Um *muito obrigada* especial, ainda que eles já estejam inclusos na “seção amigos”, vai para os companheiros do LEMA. Se não fosse por vocês, essa dissertação não existiria de maneira alguma. Foi a partir dos questionamentos e debates em nossas reuniões e conversas que me deparei com as questões que tento tratar neste trabalho. Vocês foram, são e serão essenciais. Fazer parte deste grupo tão inspirador, questionador, forte e trabalhador é um dos motivos que fazem a academia se tornar um caminho mais palatável, instigante e convidativo.

Não querendo ser repetitiva, mas já sendo, devo agradecer especialmente à minha orientadora – que também é amiga e companheira do LEMA – Maria. Muito obrigada pela paciência com as minhas crises e complicações, pela dedicação, pelas dicas e conselhos, pela confiança, pelo incentivo e, principalmente, por ter me mostrado como é fundamental estudar HPE e que isso não é, de maneira alguma, um capricho de intelectual, mas que pode ter um papel relevante na compreensão da economia, da nossa sociedade.



Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação dentro do IE e em outros espaços da universidade, em especial aos professores Aloisio Teixeira (*in memoriam*), Angela Ganem e Galeno Ferraz. Seus ensinamentos em sala de aula foram fundamentais para minha formação e para a decisão de estudar HPE, economia política e metodologia. A forma como vocês encaram a universidade pública e a docência, uma inspiração.

Na construção do objeto dessa dissertação o auxílio dos professores Fábio Freitas e Franklin Serrano foi fundamental. Seus comentários, críticas e dicas na defesa do projeto ajudaram a moldar o objeto da dissertação. Assim como os debates no Grupo de Estudos sobre Ideologia do NEPEM (ESS/UFRJ), coordenado pelo professor Mauro Iasi, foram fundamentais para esta empreitada. A todos, o meu agradecimento.

Agradeço também aos funcionários do PEPI e do IE.

Agradeço a disponibilidade e atenção dos membros da banca de defesa desta dissertação, Angela Ganem e Franklin Serrano.

Finalmente, gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudos concedida durante parte do curso de mestrado.

*Mãos dadas*

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes,  
a vida presente.

**Carlos Drummond de Andrade, *In: Sentimento do Mundo***

O espelho reflete certo: não erra porque não pensa.  
Pensar é essencialmente errar.  
Errar é essencialmente estar cego e surdo.

**Fernando Pessoa, *Poemas inconjuntos***

## Sumário

Introdução. ....	p. 12
Capítulo I – A questão da ideologia em Karl Marx e na tradição marxista – apontamentos sobre uma polêmica. ....	p. 18
I.1 – A ideologia: um conceito em debate. ....	p. 19
I.2 – Apontamentos acerca da ideologia nas obras de Karl Marx e Friedrich Engels.....	p. 28
Capítulo II – Apontamentos sobre método em história do pensamento econômico. ....	p. 33
II.1 – Apontamentos sobre método em Karl Marx. ....	p. 33
II.2 – Alguns elementos acerca da análise de história do pensamento econômico em Karl Marx. ....	p. 38
II.3 – Alguns apontamentos acerca da relação entre ideologia e história do pensamento econômico. ....	p. 44
Capítulo III – A análise de Karl Marx da produção de David Ricardo – apontamentos apresentados em “ <i>O Capital</i> ” e “ <i>Teorias da mais-valia</i> ”. ....	p. 51
III.1 – Apontamentos acerca da visão de Karl Marx sobre a economia política clássica. ....	p. 51
III.2 – David Ricardo sob a ótica de Karl Marx – uma aplicação do método de história do pensamento econômico de Karl Marx. ....	p. 58
Conclusão. ....	p. 70
Referências Bibliográficas. ....	p. 76

## Introdução

Esta dissertação é fruto de alguns questionamentos: *Qual o papel da história do pensamento econômico na construção teórica dos autores no campo da economia? Qual a relação entre ideologia e a análise de Marx em história do pensamento econômico? Se há uma relação entre ideologia e a história do pensamento econômico analisada por Marx, qual conceito de ideologia Marx utiliza em sua análise? Qual a relação entre história do pensamento econômico, ideologia e a história real do tempo dos autores?*

Para tentar responder a esta pergunta, busca-se no livro “*Teorias da mais-valia – História crítica do pensamento econômico*” as características do método que Marx utiliza para seu estudo em história do pensamento, de forma a encontrar os indícios que podem nos levar a responder estas indagações.

Antes de mais nada, é preciso realizar uma pequena digressão para explicar a natureza desta obra.

“*Teorias da mais-valia*” da forma como fora publicada, é em essência uma obra fragmentária, resultado dos esboços de estudo de Marx, não uma obra já terminada, preparada para publicação. É, na verdade, resultado de um “imenso manuscrito econômico elaborado por Marx, de 1861 a 1863, e composto dos cadernos I a XXIII, com páginas seguidamente numeradas de 1 a 1472” (Sant’anna, 1980, *Nota do tradutor*, In: Marx, Karl. *Teorias da mais-valia*, 1980 [1905], p. 10). Sendo “a parte maior e mais elaborada do manuscrito, e compreende os cadernos VI a XV e XVIII, além de mais de umas quarenta páginas espalhadas pelos cadernos XX, XXI, XXII e XXIII” (*ibid. id.*, p. 10).

Isto não quer dizer que Marx não tinha intenção de publicá-la, muito pelo contrário. Esta parte de seus estudos – a mais extensa dos manuscritos – seria o quarto livro de “*O*

*Capital*” – o último a ser publicado –, no entanto, Marx faleceu antes que seu projeto editorial pudesse ser concluído. Marx só presenciou a publicação do primeiro livro de sua obra. Os livros 2 e 3 foram organizados e publicados por Friedrich Engels, de maneira a seguir fielmente as intenções originais de Marx.

Já a publicação de “*Teorias da mais-valia*” foi realizada por Karl Kautsky entre os anos de 1905 e 1910. Conforme destaca Reginaldo Sant’anna (1980) – tradutor da obra no Brasil – esta publicação é cercada de polêmicas.

“Com o tempo evidenciaram-se certas falhas na reprodução do manuscrito, como, por exemplo: mudanças na arrumação dos assuntos, indicada por Marx; erros de interpretação, em virtude das dificuldades de decifrar a letra de Marx; supressões injustificáveis de passagens do manuscrito; erros de tradução para o alemão, de passagens em outras línguas; alteração da terminologia empregada por Marx. Kautsky não levou em conta o índice que Marx escrevera nas capas dos cadernos e que permite entender melhor a disposição das diversas partes da obra; assim, afastou-se da orientação marxiana de ordenar as idéias segundo o estágio que ocupam no desenvolvimento do processo histórico, ordenação que não coincide necessariamente com a cronologia dos Autores e obras considerados.” (*ibid.*, *id.*, p. 11)

Dados estes problemas, pesquisadores da então União Soviética se debruçaram sobre os manuscritos durante a década de 1950, com o intuito de republicar a obra de acordo com as intenções originais de Marx. O resultado deste empreitada foi publicado entre os anos 1954 e 1961 em russo e entre 1956 e 1962 em alemão. A versão que serviu de base para a tradução brasileira foi uma versão alemã posterior – de 1974 – que, segundo Sant’anna “se beneficiu de

melhoramentos feitos depois de um confronto do texto editado em 1956 a 1962 com os originais de Marx” (p. 12).

É fundamental salientar que esta digressão acerca da natureza da obra não foi feita com o intuito de desmerecer seu papel no legado de Marx, muito pelo contrário. Conforme será afirmado em diversas passagens desta dissertação, considera-se “*Teorias da mais-valia*” uma das obras mais fundamentais da bibliografia de Marx, no entanto, é preciso contextualizar as circunstâncias de sua publicação, expor a sua característica de *cadernos de estudo* que seriam posteriormente organizados para publicação.

“*Teorias da mais-valia*” é a obra em que Marx realiza, de fato, um trabalho em história do pensamento econômico. Reginaldo Sant’anna (1980) diz que Marx “Considerava *Teorias da mais-valia* a parte histórico-crítica de *O Capital*.” (p. 9). Considera-se, portanto, que é nesta obra que se pode encontrar espaço para a observação do método utilizado – e desenvolvido – por Marx para seus estudos neste campo.

Sant’anna também afirma que esta obra “é, por excelência, uma história crítica do pensamento econômico” (*ibid., id., p. 9*). É a partir desta noção que esta dissertação está organizada. O trabalho realizado por Marx em “*Teorias da mais-valia*” explicita seu método crítico no âmbito da história do pensamento econômico. A partir dos estudos<sup>1</sup> dos autores contemporâneos e predecessores, Marx expôs os principais elementos de sua análise do capitalismo, de forma a explicitar a incorporação destes estudos em sua formulação teórica e expondo também seu método em história do pensamento econômico.

---

<sup>1</sup> Estes estudos foram a base para o desenvolvimento e formulação de todos os volumes da sua obra “*O Capital*”. Nas palavras de Sant’anna: “ao analisar e criticar as teorias de seus predecessores e contemporâneos, Marx formula suas próprias teorias, em contraposição” (*ibid., id., p. 9*)

Considera-se que um trabalho que se proponha a analisar a abordagem realizada por Marx em história do pensamento econômico deva ser um trabalho que se debruce sobre o livro “*Teorias da mais-valia*”. Debruça-se sobre esta obra não com o intuito de esmiuçar todos os aspectos analíticos expostos e desenvolvidos por Marx, assim como suas críticas aos demais economistas estudados – este é um trabalho importante, mas que será realizado em um outro momento, em um trabalho posterior – mas sim com foco nos elementos metodológicos desta análise, numa tentativa de expor quais elementos caracterizam esta abordagem realizada por Marx.

Considera-se um passo importante para a compreensão do movimento geral realizado por Marx a compreensão de seu método em história do pensamento econômico. Conforme será desenvolvido mais adiante nesta dissertação, o método de Marx em história do pensamento econômico segue a linha de seu método de estudo como um todo, isto é, conforme destacado por Reginaldo Sant’anna, o método materialista, histórico e dialético:

“Em Marx, as relações econômicas fazem parte da estrutura e do desenvolvimento social, de acordo com sua concepção da história, teoria abrangente que procura desvendar a interação dos diversos fatores sociais em sua evolução e transmutações. Para chegar a esses resultados, Marx aplica seu método dialético, que transparece nas suas pesquisas sobre os problemas econômicos e sociais.” (*ibid.*, *id.*, p. 10)

O outro aspecto relevante para responder aos questionamentos iniciais reside na análise da questão da ideologia na tradição marxista, em especial nas interpretações de Karl Marx e Friedrich Engels. A partir do estudo das obras desses autores e de alguns intérpretes de suas obras – Terry Eagleton, Leandro Konder, Slavoj Žižek, Michael Löwy e Lucien

Goldmann – busca-se compreender as possíveis diferentes acepções de ideologia. (Um amplo e polêmico debate na filosofia e também na tradição marxista, no qual, é importante advertir, não se pretende entrar de forma propositiva, mas sim, analítica.)

Este estudo da ideologia e da visão de mundo deve ser combinado com uma análise do método de Marx e de sua abordagem na história do pensamento econômico.

Considera-se central a formulação de Karl Marx no âmbito da história do pensamento econômico. Fundamental para a construção de sua formulação teórica acerca do seu objeto central de estudo – o capitalismo – afinal, é a partir dos seus diálogos com muitos autores contemporâneos e predecessores à sua época que Marx formula e expõe suas análises. É fundamental também para a construção de um debate crítico no âmbito da história do pensamento econômico, pois considera-se que a formulação neste âmbito com base no método proposto por Marx seja uma boa abordagem no campo da história do pensamento econômico. Abordagem esta que encontra nas questões ideológicas elemento central para sua formulação, tal como apontam Maurice Dobb, Isaak Rubin e Ronald Meek.

Parte-se da hipótese de que a análise que Karl Marx realizou no campo da história do pensamento econômico se baseia em uma interpretação da questão da ideologia como um fenômeno que transcende a questão da *falsa consciência*, cabendo a possibilidade de interpretar a ideologia como uma *visão social de mundo*.

Para compreender e expor a análise de Marx no campo da história do pensamento econômico e sua interação com a questão da ideologia, a interpretação de Marx acerca da obra de David Ricardo é tomada como um caso exemplar desta análise. Afinal, este autor era, na opinião de Marx, um dos principais expoentes da economia política inglesa, cujas análises foram construídas de forma sólida, consideradas cientificamente sérias, mas que estavam



limitadas pelo “horizonte burguês” no qual o autor se encontrava (pode-se dizer, *sua visão de mundo burguesa*).

Neste sentido, a dissertação encontra-se dividida em três capítulos (além desta introdução e de uma conclusão).

No primeiro capítulo pretende-se expor, sinteticamente, a polêmica em torno da questão da ideologia, a polissemia de interpretações e conceituações e como esta questão se insere na obra de Karl Marx, de forma a expor, sinteticamente, como Marx interpretava a ideologia.

No segundo capítulo pretende-se expor a abordagem em história do pensamento econômico desenvolvida por Karl Marx, exposta, em especial no livro “*Teorias da mais-valia*”. Primeiramente serão expostos, sinteticamente, alguns elementos sobre método no autor. Em seguida serão expostos os elementos da análise em história do pensamento econômico desenvolvida por Marx, para, por fim, ser exposta a relação entre ideologia e história do pensamento econômico na abordagem proposta pelo autor.

No terceiro capítulo pretende-se expor a sistematização realizada por Marx no âmbito da história do pensamento econômico, colocando em evidência nas formulações científicas o papel da visão de mundo e da história real sob a qual tais perspectivas históricas são construídas.. Através da análise do estudo de Marx acerca da obra de David Ricardo – considerada aqui um caso exemplar da sistematização em história do pensamento econômico feita por Marx – pretende-se explicitar a maneira como a visão de mundo e a história do tempo de um determinado autor se manifestam na construção e desenvolvimento do pensamento deste determinado autor.

## **Capítulo I – A questão da ideologia em Karl Marx e na tradição marxista – apontamentos sobre uma polêmica**

O conceito “ideologia” pode ser apresentado de diversas formas, seja sob o significado de “concepção/visão de mundo”, seja como “conjunto de idéias”, ou ainda mesmo como “doutrina ou posicionamento político”. Ou seja, é uma palavra que dependendo de como ou por quem – ou ainda do momento teórico vivido pelo autor – for apresentado pode representar um conceito bem distinto – quiçá, como ocorre muitas vezes, até mesmo conflitante.

Em uma tentativa de compreender e apresentar como este conceito é interpretado pelos diversos autores no campo marxista – visto que a partir do método materialista histórico dialético<sup>2</sup>, considera-se que há neste campo uma análise mais complexa acerca da questão da ideologia, ao se incorporar à análise questões como a historicidade do conceito e a materialidade, isto é, a noção de que as idéias não surgem “do nada”, simplesmente criadas em vazios, como raios em um céu limpo e estrelado, mas são as representações teóricas de processos sociais, econômicos e políticos, que não só refletem a realidade concreta que permeia o autor, mas que também influenciam esta realidade, alterando-a e transformando-a – buscando nos diversos comentadores que mapearam (ou tentaram mapear) este conceito, tais como Terry Eagleton, Leandro Konder, Slavoj Žižek, Michael Löwy e Lucien Goldmann, pistas de como este conceito poderia ser apresentado.

---

<sup>2</sup> O debate acerca do método, e em especial do materialismo e da dialética, é um debate muito amplo e complexo que não caberia ser apresentado em detalhes no escopo desta dissertação, portanto, parte-se do pressuposto de que a análise apresentada pelos autores a serem tratados nesta dissertação seguem este método. Ressalta-se que mais adiante nesta dissertação serão apresentados, sinteticamente, os elementos principais do materialismo e da dialética.

A partir do estudo das obras destes comentadores é possível mapear sinteticamente como se apresenta o debate em torno do conceito da ideologia e, em especial, como este debate se dá, de maneira extremamente complexificada no campo marxista, em especial, nas análises das obras de Marx.

### **I.1 – A ideologia: um conceito em debate**

Leandro Konder no livro “*A questão da ideologia*” afirma que o tema da ideologia “entendido como o registro de pressões deformadoras atuando sobre o processo de elaboração do conhecimento” (Konder, 2002, p. 15) é muito antigo, tendo os primeiros debates em torno deste tema surgido com os gregos, tais como Platão. No entanto, o debate em torno da ideologia tal como é conhecido hoje em dia data da época da Revolução Francesa. O primeiro autor a tratar desta temática – inspirado pelas idéias dos “*clássicos das Luzes*, especialmente de Condillac” (*ibid.*, *id.*, p. 21, *itálicos originais do autor*) – foi Destutt de Tracy (1754-1836). Em seu livro “*Elementos de ideologia*” (1801) de Tracy “concebia a *ideologia* como uma nova disciplina filosófica que devia incorporar os resultados mais significativos de todas as outras” (*ibid.*, *id.*, p. 21-22, *itálicos originais do autor*), podendo o seu raciocínio ser resumido da seguinte forma: “agimos de acordo com nossos conhecimentos, que se organizam através das idéias; se chegarmos a compreender como se formam essas idéias a partir das sensações, teremos a chave para nos entender e para criar um mundo melhor” (*ibid.*, *id.*, p. 22, *itálicos originais do autor*). Desde então, o conceito adquiriu diversas acepções, nos mais diversos autores, das mais variadas correntes, também sendo incorporada na práxis política de maneira extensa e diversa.

Nesta dissertação pretende-se expor uma primeira tentativa de entender e apresentar como este conceito é compreendido dentro do campo marxista. A escolha deste campo teórico se dá porque se considera que há neste campo uma análise mais complexa acerca da questão da ideologia, ao se incorporar à análise questões como a historicidade do conceito e a materialidade, isto é, a noção de que as idéias não surgem de um ideário coletivo ou de um espírito geral, de uma espécie de balcão de idéias cuja variedade disponível estaria ligada diretamente à genialidade do pensador, simplesmente criadas em vazios, como raios em um céu limpo e estrelado, mas são as representações teóricas de processos sociais, econômicos e políticos, que não só refletem a realidade concreta que permeia o autor, mas que também influenciam esta realidade, alterando-a e transformando-a.

Pretende-se identificar as possíveis diferentes acepções do conceito de ideologia na obra de Marx. No entanto, é necessário fazer uma digressão desta questão e buscar na discussão marxista como o conceito de ideologia aparece (e vai sendo modificado), afinal, como já afirmado, a produção intelectual de um determinado momento é influenciada pelas idéias e pela história que a precedeu. Sendo assim, um trabalho que pretende se inserir na discussão da tradição marxista sobre a existência de duas formulações sobre ideologia na obra de Marx precisa também analisar como este conceito aparece e é modificado nesta tradição.

O conceito “ideologia” é extremamente polissêmico, repleto de ambigüidades, contrariedades e polêmicas. Seguindo a metáfora que Leandro Konder (2002, p.12) utiliza na introdução da obra “*A questão da ideologia*”, a ideologia pode ser encarada como a esfinge moderna, que provocaria, ironicamente: “Decifra-me, enquanto te devoro”. Para evitar a destruição, aparentemente, iminente que o desafio da compreensão da ideologia nos coloca é preciso tentar compreender os diversos aspectos que este conceito pode assumir, seja em suas acepções negativas, seja em suas acepções positivas.

Terry Eagleton em sua obra “*Ideologia*” (1991) reconhece a dificuldade de se chegar a um único e fechado significado deste conceito, para o autor inglês, muito mais importante que uma única definição hermética do termo é o processo de análise do conceito em suas diferentes acepções, nos diferentes teóricos no processo da história das idéias e da chamada “sociologia do conhecimento”<sup>3</sup>.

“Ninguém propôs ainda uma definição única e adequada de ideologia, e este livro não será uma exceção. E isso não porque as pessoas que trabalham nessa área sejam notáveis por sua pouca inteligência, mas porque o termo ‘ideologia’ tem toda uma série de significados convenientes, nem todos eles compatíveis entre si. [...] A palavra ‘ideologia’ é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes históricas, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em alguma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado.” (EAGLETON, 1991, p. 15)

Seguindo esta linha de raciocínio, o autor estabelece um conjunto de seis definições que poderiam contribuir para o mapeamento do conceito (*ibid.*, p. 38-40):

- Ideologia pode ser entendida, de forma bastante ampla, como um processo material de produção de idéias, crenças e valores na vida social, de forma generalizada. Esta definição seria uma definição neutra, do ponto de vista

---

<sup>3</sup> Termo muito utilizado por Michael Löwy em suas obras de 1985: *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* e *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*, ambos publicados pela Cortez Editora.

político e epistemológico, mas, no entanto, enfatiza o aspecto material da determinação social do pensamento;

- Ideologia também pode ser entendida como o conjunto de idéias e crenças – sejam elas verdadeiras ou falsas – que simbolizam as condições e experiências de vida de um determinado grupo ou classe social, socialmente significativo. Este conceito se aproxima do conceito de “visão social de mundo”, que na definição de Michael Löwy (1985b, p. 13) pode ser entendido como “todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, de um ponto de vista social, de classes sociais determinadas.”;
- Como nenhuma das definições apresentadas até aqui explicitam a relação conflituosa que permeia a noção de ideologia, uma terceira definição para ideologia se faz necessária, uma definição, que, segundo Eagleton, “trate da promoção e legitimação dos interesses opostos” (p. 39) Neste sentido, “ideologia pode ser vista aqui como um campo discursivo no qual os poderes sociais que se autopromovem conflitam e colidem acerca de questões centrais para a reprodução do poder social como um todo.” (p. 39);
- Um quarto significado de ideologia conservaria a ênfase na promoção e legitimação de interesses setoriais, restringindo-a, porém, às atividades de um poder social dominante;
- “uma quinta definição, na qual a ideologia significa as idéias e as crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante, mediante sobretudo a distorção e a dissimulação” (p. 39);

- Por fim, Eagleton apresenta uma noção de ideologia “cuja ênfase recai sobre as crenças falsas ou ilusórias” (p. 40), este caráter ilusório seria, no entanto, proveniente do tipo de estrutura material da sociedade como um todo, e não somente dos interesses da classe dominante .

Além destes elementos que podem constituir diferentes definições para o conceito “ideologia”, também é possível destacar os elementos “positivos” e “negativos” que podem compor o conceito. Alguns autores compreendem que a ideologia representa, necessariamente, elementos ilusórios, falsos e mistificadores, diretamente relacionados à dominação que uma específica classe realiza perante toda a sociedade (neste caso, a burguesia) e, portanto, a ideologia passa a ser um conceito com valorização negativa<sup>4</sup>.

Enquanto outros não dão centralidade a este caráter negativo, mistificador da ideologia, e consideram que na “batalha das idéias”, que pode vir a ser travada no espectro mais amplo da luta de classes, poderia haver uma chamada “ideologia socialista/proletária” através da organização de uma visão social de mundo proletária, tal como Lênin argumenta em suas obras, que faria contraponto à ideologia conservadora da classe dominante burguesa.

Antonio Gramsci<sup>5</sup> é outro grande autor dentro da tradição marxista que não interpreta o conceito de ideologia apenas como algo com conotação negativa. É interessante observar a descrição deste autor acerca da questão da ideologia. Muitas formulações de Gramsci foram feitas a partir da compreensão e do intenso estudo das obras de Karl Marx e Friedrich Engels. No tocante à questão da ideologia é constantemente afirmado por comentadores de sua obra que o autor não teve contato com o famoso texto *A ideologia alemã*, e assim, afirmam

---

<sup>4</sup> Por exemplo, como veremos mais a frente, esta é a concepção de Friedrich Engels, assim como a de Mauro Iasi (2007).

<sup>5</sup> Segundo Löwy (1985a), um dos principais autores que ele designa como “*marxistas historicistas*”.

comentadores como Guido Liguori (2007, p. 77-78), Gramsci não teria tido acesso a esta interpretação de Marx e Engels da ideologia como algo com conotação negativa e não o centralizara em sua análise. Segundo este mesmo comentador, a interpretação de Gramsci partiria do famoso *Prefácio*, de 1857, ao livro *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Neste texto, ao afirmar que

“Quando se consideram tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições econômicas de produção – que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais – e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito e o levam até o fim. Do mesmo modo que não se julga o indivíduo pela idéia que de si mesmo faz, tampouco se pode julgar uma tal época de transformações pela consciência que ela tem de si mesma. É preciso, ao contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção.” (MARX, 2008 [1859], p. 46)

Marx estaria apresentando uma concepção de ideologia, na verdade, das chamadas “formas ideológicas” que não tem uma conotação negativa, pelo contrário, que se apresentam como úteis e necessárias. Haveria assim, mais de uma teoria e/ou aceção do termo ideologia em Marx, e seria esta a interpretação que Gramsci teria feito do conceito em Marx. Além disto, Gramsci fora fortemente influenciado por Lênin e sua concepção de contraposição da ideologia burguesa por meio de uma ideologia socialista/proletária. No entanto, Gramsci não ignora o fato de que há um aspecto “negativo” na noção de ideologia. Para o autor, seria possível haver mais de uma concepção de ideologia, sendo necessário distinguir dois tipos de



ideologia: “*ideologias arbitrárias*”<sup>6</sup> e “*ideologias historicamente orgânicas*”<sup>7</sup>. Seguindo a pista de Guido Liguori (2007), é relevante destacar que o conceito de ideologia em Gramsci se relaciona com uma “família de palavras” / “família de conceitos”: ideologia, filosofia, visão ou concepção do mundo, religião, conformismo, senso comum, folclore, linguagem. Segundo Liguori, cada uma destas palavras indicaria um conceito que não poderia ser sobreposto inteiramente ao outro, ao mesmo tempo em que estariam todos correlacionados entre si, formando

“uma rede conceitual que, no seu todo, desenha a concepção gramsciana de ideologia. Ideologia, filosofia, concepção de mundo, religião, senso comum etc. podem diferir segundo o grau de consciência e de funcionalidade, mais ou menos mediatas em relação à práxis e à política.” (LIGUORI, 2007, p. 91)

Coaduna-se com este raciocínio também a argumentação de Eagleton (1991, p. 106-107), segundo a qual a relação entre ideologia e hegemonia, e portanto, entre ideologia e as relações de poder é fundamental, sendo a ideologia a “maneira como as lutas de poder são levadas a cabo no nível da significação”. Sendo assim, a luta pela hegemonia seria uma luta que passaria pela disputa de ideologias, retomando assim a questão apresentada anteriormente por Lênin.

---

<sup>6</sup> As “*ideologias arbitrárias*” seriam elucubrações metafísicas inventadas por certos indivíduos, arbitrárias e ilusórias, e segundo Gramsci, mereceriam ser submetidas a crítica, que as desclassificariam.

<sup>7</sup> As “*ideologias historicamente orgânicas*” seriam necessárias a uma certa estrutura, isto é, aquelas que “organizariam as massas” (LIGUORI, 2007, p. 84-85) e constituiriam “uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva” (LÖWY, 1985a, p. 155). Por fim, como afirma Konder (2002, p. 104-105), constituiriam “o campo no qual se realizam os avanços da ciência, as conquistas da *objetividade*”.

Este argumento que relaciona ideologia com a práxis e a política, ou de outra forma, com as relações de poder nos remete à necessidade de entender como o marxismo se inseriria no debate da ideologia. Para Gramsci, o marxismo (ou como o autor o chamada, *a filosofia da práxis*) seria uma “*ideologia historicamente orgânica*” superior por seu caráter materialista e histórico, por, como salienta Guido Liguori (2007, p. 94), ter “consciência de ‘parcialidade’, ligada como esta a uma classe e a um momento histórico”. E esta compreensão da historicidade da *filosofia da práxis* (e das visões sociais de mundo como um todo) significaria reconhecer que ela pode (ou melhor, deveria) ser superada, em um momento em que a visão social de mundo marxista, expressão explicitadora das contradições sociais, se tornasse superada. Logo, como Löwy (1985a, p. 109) destaca, “toda concepção de mundo, observa ele, pode, em certo ponto, assumir uma forma especulativa que representa simultaneamente seu apogeu histórico e os primórdios de sua dissolução”.

Esta análise do que seria o marxismo no cenário do debate em torno da questão da ideologia e a própria distinção feita por Gramsci entre “*ideologias arbitrárias*” e “*ideologias historicamente orgânicas*” aproximaria Gramsci da noção de ideologia (no caso as “*ideologias historicamente orgânicas*”) como visão/concepção social de mundo, tal como apresentado por Löwy em suas obras acerca do tema.

A escolha de começar esta análise através do marxismo se justifica por este ser a corrente que coloca a questão do condicionamento histórico e social da ideologia e do pensamento em maior evidência, além de dar destaque para a relação indissolúvel entre teoria e prática.

Esta perspectiva do condicionamento histórico e social pode ser mantida se ao invés de ideologia for utilizado um outro termo. Seguindo o caminho proposto por Michael Löwy (1985a; 1985b), é possível utilizar a noção de “*visão/concepção social de mundo*” em

detrimento da noção de “*ideologia*”, sem com isto ser necessário entrar em todos os dilemas e questões tidas como “negativas” que envolvem a concepção de ideologia, tais como as relações de dominação da visão da classe dominante perante toda a sociedade. Ao longo do trabalho foi evidenciado que diversos autores reconhecem neste termo – “*visão/concepção social de mundo*” – um sentido importante para a questão da ideologia, como Marx e Gramsci.

Além da questão do condicionamento histórico e social do debate acerca da ideologia, a sua orientação relacionada com a prática deve ser destacada. Conforme Leandro Konder (2002, p. 261) ressalta, Marx e Engels em suas “*Teses sobre Feuerbach*” destacaram que a questão ideológica só poderia ser resolvida através da *práxis*.

“A *práxis*, então, é a atividade pela qual o ser humano se auto-realiza, fazendo sempre recuarem os limites que lhe são impostos. É uma atividade que carece de qualquer ponto fixo de chegada. Precisa se reinventar e para isso deve criar sempre teorias novas, construir novos conhecimentos, assumindo novos riscos. Podemos concluir, assim, que, de algum modo, *a questão da ideologia não pode ser inteiramente resolvida, ou, ao menos, não pode ter uma solução cabal, conclusiva, tranqüilizadora. Ela será sempre ‘resolvida’, na medida do possível, em cada época, em cada contexto específico.*” (KONDER, 2002, p. 262 – grifos próprios do autor)

Neste sentido, apesar de não haver pretensão de se formular uma concepção final a respeito da questão da ideologia, considera-se que este caminho que evidencia a perspectiva histórico e socialmente condicionada do termo e a sua materialidade inerente é o caminho mais seguro para uma boa caminhada no campo deste conceito tão espinhoso que é a “*ideologia*.”

Além disso, toma-se para nossa análise a visão derivada do debate marxista sobre ideologia para ser assentada sobre ela nossa perspectiva de história do pensamento econômico.

## **I.2 – Apontamentos acerca da ideologia nas obras de Karl Marx e Friedrich Engels**

Marx, ainda que não tenha sido o primeiro autor a se debruçar sobre o conceito no debate filosófico, é um autor sobre o qual é fundamental debruçar-se, visto que no conjunto de sua obra o conceito ganha complexidade e nuances que o transformam em um autor central para a compreensão deste conceito e de suas implicações para a análise concreta da realidade social.

Karl Marx aborda a questão da ideologia em diversos escritos – alguns deles, como “*A ideologia alemã*”, escritos em parceria com Friedrich Engels – em diferentes fases de sua trajetória intelectual. É possível destacar as principais contribuições de Marx neste campo nos seguintes escritos: “*Manuscritos Econômicos e Filosóficos*” (1844), “*O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*” (1851), *Grundrisse* (1857), o *Prefácio* ao livro “*Contribuição à crítica da Economia Política*” (1859), “*O capital*” (cujo livro I, volume I fora publicado em 1867, mas que compreende uma obra de quatro livros que só terminou de ser publicada em 1905, com a edição alemã de seu livro quarto – “*Teorias da mais-valia*”) e, por fim, ainda que cronologicamente anterior a outros escritos supracitados, a obra escrita com Friedrich Engels em 1846, “*A ideologia alemã*”.

Nestas diversas obras o conceito de ideologia aparece com nuances diferentes. A princípio a ideologia é apresentada como uma especulação metafísica idealista, que inverteria

a realidade, tal como é apresentado em “*A ideologia alemã*”, enquanto que em outros escritos, tal como o *Prefácio* ao livro “*Contribuição à crítica da Economia Política*” este sentido negativo da ideologia é apresentado de forma atenuada.

Esta concepção “negativa” da ideologia reflete a idéia de que as representações e idéias são ideológicas porque negam suas raízes na sociedade com efeitos politicamente opressivos, isto é, são reflexos das idéias das classes dominantes, no caso, a burguesia, e ocultariam as relações concretas da sociedade. Além disto, estas idéias poderiam se tornar ideológica por serem expressões diretas de interesses materiais, instrumentos eficazes na luta de classes. As idéias da classe dominante formariam, assim, um elemento eficaz para a sua dominação política, através de seu caráter universalizante, mistificador, ilusório e naturalizante, que velaria a essência das relações sociais de toda sociedade<sup>8</sup>, nas palavras de Marilena Chauí ideologia seria “um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política” (CHAUÍ, 2008 [1980], p. 7).

O sentido predominantemente pejorativo da ideologia será, contudo, atenuado em outros escritos. No *Prefácio* ao livro “*Contribuição à crítica da Economia Política*” (1859), um outro sentido da ideologia foi esboçado<sup>9</sup>, um sentido que abre margem à interpretação da possibilidade de haver uma disputa da luta de classes no plano das idéias, uma disputa que se daria em várias frentes, não somente na desmistificação do caráter ilusório da ideologia dominante.

---

<sup>8</sup> No livro “*O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*” (1851) Marx apresenta elementos que seriam as “*formas ideológicas*” através das quais os indivíduos tomam consciência. Neste mesmo texto, segundo Löwy (1985b), Marx também apresentaria o conceito de “*superestrutura ideológica*”, que refletiria, as visões/concepções de mundo, um conceito que permeia a questão da ideologia, tornando-o um termo mais amplo.

<sup>9</sup> Conforme já citado anteriormente.

Em “*O Capital*”, através da análise da lógica do capital, em especial, da coisificação das relações sociais, as relações deixariam de ser entendidas como relações sociais, entre pessoas, passando a ser encaradas como relações entre coisas, e este aspecto, segundo Eagleton (1991), refletiria um novo patamar de aceção da ideologia. A ideologia seria, então, menos uma questão de a realidade tornar-se invertida na mente do observador (ainda que este aspecto não deixasse de constituir o fenômeno ideológico) do que a mente refletir uma inversão real, segundo a interpretação feita por Eagleton. A ideologia, neste aspecto, seria parte do fenômeno da própria economia capitalista.

Além da colaboração com Marx no famoso texto “*A ideologia alemã*”, a concepção de Engels acerca da noção da ideologia pode ser destacada pela forma como Engels escreve sobre a ideologia em uma carta de 1893 a Franz Mehring. Nesta carta Engels se refere à ideologia como um processo de *falsa consciência* (ele usa exatamente este termo, algo que, segundo Eagleton, 1991, p. 86, Marx nunca fizera). Esta concepção da ideologia como um processo de falsa consciência, ilusório teve e ainda tem forte influência no debate acerca da ideologia no campo marxista e não pode ser ignorado, ainda que, para alguns autores, não represente a totalidade do conceito, e sim seja o reflexo de sua face negativa.

Terry Eagleton, em seu livro “*Ideologia*” (1991), ao mapear como o conceito aparece na tradição marxista, faz esta síntese de como o conceito aparece ao longo da obra de Karl Marx:

“Até aqui, então, parece que Marx nos deixa com três sentidos conflitantes de ideologia, sem nenhuma idéia muito clara de suas inter-relações. A ideologia pode denotar crenças ilusórias ou socialmente desvinculadas que se vêem como o fundamento da história e que, distraindo homens e mulheres de suas condições sociais efetivas (inclusive as determinantes sociais de suas idéias), servem para

sustentar um poder político opressivo. O oposto disto seria um conhecimento preciso, imparcial das condições sociais práticas. Por outro lado, a ideologia pode designar as idéias que expressam os interesses materiais da classe social dominante e que são úteis na promoção de seu domínio. O contrário disso poderia ser o verdadeiro conhecimento científico ou a consciência das classes não-dominantes. Finalmente, a ideologia pode ser ampliada para abranger todas as formas conceptuais em que é travada a luta de classes como um todo, o que, presumivelmente, incluiria a consciência válida das formas politicamente revolucionárias. O que o contrário *disso* poderia ser é, presumivelmente, qualquer forma conceptual correntemente não envolvida em tal luta.” (EAGLETON, 1991, p. 82, *sic.*)

Esta “síntese” que Eagleton apresenta parece ser mais confusa que esclarecedora a respeito da forma como o termo “*ideologia*” seria apresentado por Marx. Seguindo a pista que este comentador nos dá é possível dizer que talvez não seja possível isolar os elementos, aparentemente, contraditórios que formariam o conceito. O que Marx faz ao longo de sua obra é colocar em prática o método que ele mesmo propõe – o materialismo histórico dialético – logo, o próprio conceito da ideologia sofre transformações, devendo ser entendido de forma dinâmica, nunca estanque. Os elementos apresentados inicialmente, tais como a questão “negativa” da ideologia presente em seu aspecto falseador, ilusório, não deixam de existir nas formulações mais “maduras” do conceito, mas aparecem de forma mais complexa, permeadas de elementos históricos, teóricos e materiais que não necessariamente estavam explicitados anteriormente. Talvez esta dinâmica, este aspecto orgânico – no sentido de movimento, de não rigidez – do conceito seja o que o torna uma esfinge moderna (de tão difícil análise e compreensão), mas também seja o que torna a análise dentro do campo marxista que consegue

colocar em uso este método que evidencia o condicionamento histórico e social do conceito a análise mais frutífera e esclarecedora, tal como a apresentada pelos chamados “*marxistas historicistas*”.

Conforme afirmado anteriormente, não há pretensão de apresentar uma análise final acerca da questão da ideologia. Este mapeamento do conceito está inserido nesta dissertação com sentido de apresentar um conceito considerado fundamental para a compreensão da história do pensamento econômico, em especial, do ponto de vista do método utilizado por Karl Marx.



## **Capítulo II – Apontamentos sobre método em história do pensamento econômico**

Neste capítulo pretende-se expor os principais elementos que constituem a abordagem em história do pensamento econômico desenvolvida por Karl Marx circunscrita em suas obras, em especial, no livro *“Teorias da mais-valia”*.

Marx não escreveu uma obra especificamente acerca do método, muito menos acerca de seu método em história do pensamento econômico. No entanto, tal como feito por toda tradição marxista, é possível pinçar da obra de Marx uma sistematização deste método. Neste sentido, primeiramente serão apresentados apontamentos acerca da questão do método, em geral, em Karl Marx, de modo a sintetizar seus principais elementos, tendo como base as interpretações dos comentadores Mauro Iasi, José Paulo Netto, Aloisio Teixeira, Maria Malta e Rodrigo Castelo.

Logo em seguida, serão apresentados alguns elementos acerca da análise de história do pensamento econômico desenvolvida por Karl Marx, de modo a expor os principais elementos que constituem a abordagem em história do pensamento econômico realizada por Karl Marx. Para em seguida estabelecer elementos da relação entre ideologia e história do pensamento econômico, tal como exposto por Isaak Rubin, Ronald Meek, Maurice Dobb, entre outros comentadores da obra de Marx e da história do pensamento econômico.

### **II.1 – Apontamentos sobre método em Karl Marx.**

Antes de apresentar os principais elementos que constituem a análise em história do pensamento econômico (HPE) de Karl Marx, é importante apresentar, brevemente<sup>10</sup>, o método utilizado por Marx, o chamado *método materialista histórico dialético*.<sup>11</sup>

A partir da combinação do pressuposto materialista (de forma sucinta, o pressuposto materialista parte da noção de que as coisas existem, são concretas, e que é a partir da sua existência que são formuladas concepções e idéias sobre estas coisas – o “concreto pensado” – e portanto, que o movimento histórico concreto exerce forte influência sobre as idéias de determinado momento histórico) com a lógica dialética (que fora apresentada por Georg Wilhelm Friedrich Hegel) Marx estrutura seu método.

De forma sintética<sup>12</sup>, é possível identificar alguns elementos gerais característicos da dialética. A lógica dialética busca o movimento próprio do objeto sob análise, não sendo possível a compreensão deste objeto sem a compreensão de seu movimento. O objeto “era, é e tende a ser”, realizando um movimento contínuo. Este movimento depende da contradição, e a contradição se faz presente em todos objetos, assim, cada forma é uma “união de contrários”, uma “identidade de contrários”, o que “torna o movimento permanente, pois cada forma trás em si o germe de sua superação, a sua contradição”. O movimento, gerado pelas contradições, leva a um ponto de ruptura no qual ocorre “um salto de qualidade”, surgindo assim uma nova forma, que supera a anterior, mas também carrega em si alguns de seus

---

<sup>10</sup> “Não oferecemos ao leitor um conjunto de regras porque, para Marx, o método não é um conjunto de regras formais que se ‘aplicam’ a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade, para ‘enquadrar’ o seu objeto de investigação.” (NETTO, 2011, p. 52)

<sup>11</sup> Pode ser chamado também de método materialista dialético, no entanto, considera-se que o caráter histórico do método de Marx seja um elemento fundamental.

<sup>12</sup> Ver MALTA e CASTELO (2012), NETTO (2011) e IASI (2007).

elementos. Além disto, esta nova forma também se constitui em parte do germe que gerará a sua superação, ou seja, sua negação.

Nesta lógica, o concreto surge no pensamento como uma síntese, sendo o resultado e não somente ponto de partida (ainda que seja o ponto de partida da intuição e da representação do concreto), é assim, o “concreto pensado”. Neste método, a análise e a síntese estão unificadas, portanto, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto, agora compreendido (por meio do pensamento). Nas palavras de Marx em sua famosa *Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política*:

“O último método é manifestamente o método cientificamente exato. O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (...). as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento.” (MARX, 2008 [1857], p. 256-257)

A forma de apreensão da realidade concreta é um elemento primordial para a compreensão do método. Aloisio Teixeira em seu artigo “*Marx e a Economia Política: a crítica como conceito*” destaca que

“O elemento essencial do método adotado por Marx reside, portanto, na abstração, ou seja, na capacidade de distinguir os elementos essenciais do fenômeno analisado, afastando toda e qualquer influência que possa perturbar sua análise em estado puro.” (TEIXEIRA, 2000, p. 101)

Ou seja, a maneira como o sujeito observa a realidade e apreende desta observação os elementos a serem abstraídos é um determinante fundamental do processo de compreensão da realidade. Nesta questão, a diferenciação do que é essencial ou não é relevante. Marx, ao contrário dos economistas clássicos que construam suas análises de maneira que “a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas” (Marx, 2008 [1857], p. 257), parte das “determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento” (*id., ibid.*). O concreto se manifesta no pensamento, portanto, como reflexo da união entre a análise e a síntese. Conforme destacam Malta e Castelo (2012, p. 91), o movimento consiste do

“concreto a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos as mais simples determinações. Ao chegarmos a este ponto teríamos que fazer a viagem de volta até chegarmos ao concreto, agora não mais como uma representação caótica do todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas. Neste caso, o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, uma unidade do diverso.”

Em síntese, para Marx, teoria consiste no movimento do objeto transposto para a mente do pensador (Netto, 2011, p. 21).

Segundo José Paulo Netto em seu texto “*Introdução ao estudo do método de Marx*” (2011), o conhecimento teórico consiste em “*o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador*” (*itálicos originais do autor*, p. 20).

Esta origem do conhecimento na existência concreta de seu objeto levanta uma questão importante, e que muitas vezes leva à confusão no processo de construção da abstração teórica<sup>13</sup>. O método utilizado por determinado teórico implica em uma determinada perspectiva, e esta posição, esta perspectiva, pode ser extremamente relevante, afinal, é a partir dela que o observador analisa a realidade e extrai dela suas múltiplas determinações. (*ibid.*, p. 53) A posição do observador influencia, inclusive, a sua compreensão do que é essencial na existência do objeto a ser analisado. É importante destacar que a existência do objeto determina a sua essência. É fundamental que o observador consiga diferenciar o que é a aparência do objeto do que consiste a sua essência. O método de pesquisa que Marx propôs é aquele que parte da aparência do objeto buscando a sua essência. Conforme destaca José Paulo Netto,

“Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a *reproduz* no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador *reproduz*, no plano ideal, a essência do objeto que investigou.”  
(NETTO, 2011, p. 22, *itálicos originais do autor*)

Essa questão da distinção entre aparência e essência é muito importante dentro do debate acerca da história do pensamento econômico. Para muitos autores, como José Paulo Netto e Aloisio Teixeira, um dos principais erros da economia política clássica britânica foi, na concepção de Marx, não diferenciar o que seria de fato a essência e a aparência de seus objetos de análise.

---

<sup>13</sup> “Ora, não é apenas como crítica metafísica hegeliana que o pensamento de Marx se erige. É também por oposição ao método clássico de produção de conhecimento que ele se afirma. É portanto importante examinar contra que precisamente se contrapõe a dialética marxista.” (Tolipan, 1982b, p. 2)

“Marx não se cansa de repetir que ‘toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas’ (Marx, 1894, p. 939). E, mais uma vez: ‘todas as ciências, exceto a economia política, reconhecem que as coisas apresentam uma aparência oposta à sua essência’ (Marx, 1867, p. 620). Ou: ‘o economista burguês cujo cérebro limitado não sabe distinguir entre a forma aparente e o que nela se oculta’ (id., p.662).” (TEIXEIRA, 2000, p. 100)

Por fim, com relação ao método de Marx, é importante destacar que, ainda que o objeto possua uma existência objetiva, verificável no processo de prática social e histórica, que independe da consciência do observador, o processo do conhecimento teórico não pode ser compreendido isoladamente da realidade do observador. Sua análise estará eivada de suas experiências, visões de mundo, como também da práxis e da política, conforme discutido no capítulo anterior.

É possível perceber que neste método proposto por Marx a incorporação da história na elaboração científica se torna fundamental, através da materialidade das relações sociais que constituem o objeto em questão e de sua expressão superestrutural, assim, Marx afirma que cada apresentação das formas de produção (e reprodução) da existência humana tem correspondência com formas específicas de estruturação social, além de valores e formas de apreensão da realidade. (Malta e Castelo, 2012, p. 91)

## **II.2 – Alguns elementos acerca da análise de história do pensamento econômico em Karl Marx.**

Ao longo de sua produção teórica, Karl Marx apresentou diversos apontamentos e estudos acerca da história do pensamento econômico (HPE) desenvolvida até sua época. Conforme destacam Malta e Castelo (2012, p. 85), a partir do contato de Marx com a obra de Friedrich Engels intitulada “*Esboço de uma Crítica da Economia Política*” (publicado no primeiro e único número dos “*Anais Franco-Alemães*”, de fevereiro de 1844) as reflexões de Marx acerca do objeto da economia política se intensificaram e seguiram sendo um dos principais elementos constitutivos de sua análise e crítica. A respeito do papel da economia política na construção das formulações e estudos de Marx é importante destacar a formulação feita por Vladimir Lênin (2006 [1913]), na qual o pensamento de Marx teria sido constituído por três fontes: a filosofia alemã, o socialismo francês e a economia política inglesa. O constante diálogo crítico de Marx com estes três campos permeia toda sua obra e é fundamental para a construção de suas próprias teorias.

Neste sentido, a análise de Marx acerca da história do pensamento econômico, isto é, a análise e crítica de Marx às teorias e formulações da economia política (seus predecessores e contemporâneos) é parte fundamental da sua própria análise da sociedade capitalista (seu objeto de análise em última instância)

Conforme destacado por Reginaldo Sant’Anna, na nota do tradutor à edição brasileira (1980) do livro “*Teorias da mais-valia* (também publicadas sob o título de “*Uma história do pensamento*”), o estudo (analítico e crítico) feito por Marx das teorias econômicas formuladas nos períodos anteriores e também contemporâneos aos seus escritos, ou seja, seu estudo e formulação em história do pensamento econômico, não pode ser dissociado do pensamento e da obra de Marx<sup>14</sup>, sendo parte constitutiva fundamental. O tradutor também cita Engels para

---

<sup>14</sup> É importante destacar que a contribuição em HPE de Marx segue seu método e é parte constituinte dele, já que a análise de HPE de Marx constitui o seu trabalho de formulação de uma interpretação crítica ao capitalismo,

reforçar essa idéia, afirmando que Engels destacava o empenho de Marx “em determinar ‘onde, como e por quem foi, pela primeira vez expresso um pensamento econômico emergido no curso do processo histórico’” (SANT’ANNA, 1980, p. 9). Segundo o tradutor, Marx considerava “*Teorias da Mais-Valia* a parte histórico-crítica de *O Capital*.” (*ibid, id.*). O livro “*Teorias da Mais-Valia*” pode ser considerado o quarto livro de “*O Capital*” e sua existência fazia parte dos planos de Marx para complementar sua obra mais famosa. Marx elaborou manuscritos entre 1861 e 1863 nos quais expunha seus extensos e intensos estudos dos autores predecessores e contemporâneos no campo da economia política e que serviram, posteriormente, de base para a edição dos livros 2 e 3 de “*O Capital*”, assim como para a edição de “*Teorias da Mais-Valia*”<sup>15</sup>.

De acordo com Malta e Castelo (2012, p. 85-86), as análises de Karl Marx acerca da economia política e também suas próprias formulações críticas, foram realizadas com base em um intenso e meticuloso estudo da literatura econômica de seu período, das obras dos autores europeus de várias gerações entre os séculos XVII e XIX. Uma forma de perceber alguns reflexos desses estudos é observar atentamente ao longo de todos os volumes de “*O Capital*” as diversas referências, citações e notas de rodapé a estes inúmeros autores.

Nas palavras de Sant’Anna, é “possível estabelecer relações e comparações entre suas teorias e as dos demais economistas, o que permite um conhecimento e uma avaliação mais seguros de suas idéias e proporciona capacidade maior de compreensão dos demais livros de *O Capital*.” (SANT’ANNA, 1980, p. 9).

---

através da análise aprofundada dos diversos autores e as diversas análises da realidade capitalista expressa pelos teóricos que constituíram a economia política, Marx pode apreender o mundo no qual vivia e analisava.

<sup>15</sup> No entanto, Marx faleceu antes que seus manuscritos pudessem ser transformados em obra final, tal como ocorreu com os manuscritos dos livros 2 e 3 de “*O Capital*”. A publicação do livro “*Teorias da mais-valia*” é permeada de polêmicas e confusões. Para uma leitura acerca dessas polêmicas ver MALTA e CASTELO (2012) e SANT’ANNA (1980).



Isaak Rubin destaca em seu livro “*History of Economic Thought*” (“*História do Pensamento Econômico*”)<sup>16</sup> (1979 [1929]) a importância do extenso e intenso estudo de Marx acerca dos pensadores econômicos de então

“O tratamento atento e paciente que Marx deu a seus predecessores não é para ser tomado como um capricho diletante de um especialista em escritos econômicos antigos, (...) mas como o caminho de acesso ao seu laboratório do pensamento” (RUBIN, 1979 [1929], p.12).”

(...) “cada breve referência a Smith, Ricardo ou outro economista que Marx distribuiu entre as notas de rodapé de *O Capital*, é um resumo parcimonioso de pesquisas altamente detalhadas contidas naquela obra (...), o que as faz parte orgânica de seu texto” (*ibid.*, *id.*).

“Sem esse tipo de análise teórica detalhada, nenhuma história do pensamento econômico jamais poderia cumprir a função que temos o direito de esperar dela, a saber, agir como um guia fidedigno de nosso estudo da teoria da Economia Política. Pois não analisamos as doutrinas de Smith apenas para vislumbrarmos uma página viva da história da ideologia social, mas porque isso nos permite alcançar uma compreensão mais profunda dos problemas teóricos.” (*ibid.*, *id.*)

Percebe-se que ao longo da produção teórica de Marx, e também na construção de seu método de estudo encontra-se muitos dos principais elementos de sua análise em história do pensamento econômico, sendo indissociável do processo de construção e formulação das idéias de Marx do seu estudo dos pensadores de sua época e seus predecessores. “*Teorias da*

---

<sup>16</sup> Uma das principais obras de análise da abordagem em história do pensamento econômico realizada por Marx, dedicada, em especial, ao estudo e análise do livro “*Teorias da Mais-Valia*”.

*Mais-Valia*” seria “por excelência, uma história crítica do pensamento econômico” (*ibid, id..*), podendo ser considerada, portanto, a principal obra que revela a abordagem de Marx para a história do pensamento econômico.

A abordagem realizada por Marx no campo da história do pensamento econômico pode ser compreendida no âmbito crítico, diferenciando-se fortemente do que é entendido na visão tradicional da HPE. De acordo com Ricardo Tolipan (1982a), a visão tradicional da HPE a enxerga como “curiosidade de eruditos”, relato conclusivo de “erros passados”, sendo considerada, até mesmo, “um apêndice incômodo que precisa ser neutralizado”.

“A divulgação acadêmica da História do Pensamento Econômico é, quando não simplesmente evitada, reduzida à celebração póstuma do gênio, isto é, à descrição eclética e pontificante das circunstâncias que acompanham e ‘explicam’ o surgimento das idéias; seu relato histórico. Isto tem uma curiosa conseqüência prática: o relato enciclopédico da origem das idéias exige, como qualidade fundamental de quem o pratica, a erudição. Ora, esta é também fruto de um processo que ‘toma tempo’, daí ser o economista-velho, o professor ideal para esta cadeira. Ele teve tempo para a erudição, nada mais natural que se ‘especialize’ no passado. Além disto, sua erudição é um ‘algo mais’ inessencial que pode agora ser aproveitado enquanto tal. O economista jovem não tem este direito, pois a vida intelectual ativa deve estar dedicada não à ruminação do passado, mas à confecção animada de algum detalhe futuro na base segura das especializações presentes. E apenas ao final (mito retrospectivo) de uma vida produtiva que se ganha o direito ao ‘relato histórico’.” (TOLIPAN, 1988, p. 22)

Tolipan em sua tese de professor titular (1988) destaca que a visão tradicional da HPE acaba relegando-a à posição secundária no campo teórico, sendo, inclusive, considerada tarefa exclusiva de “relato histórico” de professores (e teóricos) mais velhos, tornando, dessa forma, impossível a realização de formulações originais e expressivas neste campo, o que seria um outro grande equívoco da visão tradicional da história do pensamento econômico.

“O fundamental é que se exclui a possibilidade, seja no economista novo ou no velho, de uma atividade produtiva no âmbito da História do Pensamento: este é outro engano da visão oficial. A História do Pensamento não deve ser a câmara mortuária em que se incensa o mito finalista da Ciência. Ao contrário, deve ser o estímulo acadêmico à imaginação teórica e à crítica irônica do dogma e deve para isto analisar o modo de construção da ciência. Isto é produtivo, obriga a pensar o que foi pensado; como viu Montaigne, no mundo das idéias o novo raras vezes é mais que um comentário atual do velho.” (*ibid.*, p. 23)

A análise da história do pensamento econômico a partir do ponto de vista crítico considera que “o estudo da História do Pensamento seria uma análise de como uma ciência produz seu futuro – de como evolui sua fronteira – ao invés de uma descrição de seu passado.” (Tolipan, 1988, p. 4).

Conforme Malta e Castelo (2012, p. 98) concluem em seu artigo “*Marx e a história do pensamento econômico: um debate sobre método e ideologia*”

“Nesse sentido, a proposta de leitura da história do pensamento econômico por Marx é parte essencial de sua construção crítica. Estudar a forma de apreensão da realidade capitalista expressa pelos cientistas sociais de sua época era o caminho de acesso à compreensão histórica dos problemas de sua época. Sem abrir mão de ser um homem do seu tempo, Marx introduz a contradição no pensamento dominante com que se confrontara e constrói uma síntese única que se expressa em sua forma de interpretação das relações sociais vigentes.”

Logo, a abordagem de Marx para a história do pensamento econômico pode ser considerada uma obra exemplar desta análise crítica, afinal, Marx formula suas conclusões e interpretações acerca da economia e sociedade capitalista a partir de seu estudo da história do pensamento econômico desenvolvido até então, buscando ir além da simples compreensão da formulação das análises dos demais teóricos a partir, somente, de sua lógica interna, mas também buscou compreender o processo de formulação destas teorias, de forma a identificar seus limites – fazendo, posteriormente a crítica – e levando em consideração os ambientes sociais específicos nos quais foram formuladas, o contexto que levaram seus autores a desenvolvê-las, isto é, considerando *a visão de mundo* originária dos autores para formulação de suas interpretações da sociedade capitalista e de seus fenômenos.

### **II.3 – Alguns apontamentos acerca da relação entre ideologia e história do pensamento econômico.**

Antes de se avançar na explicitação da presença da ideologia na abordagem de história do pensamento econômico desenvolvido por Marx é preciso reafirmar que a questão da ideologia é uma questão que provavelmente seguirá por muito tempo sem uma formulação conclusiva. Quiçá sempre será uma questão em aberto, repleta de polêmicas e contradições. Alguns autores preferem não entrar nesta polêmica e utilizam o termo *visão de mundo*. No capítulo anterior fez-se uma breve exposição da polêmica em suas diferentes acepções para mostrar que os diferentes elementos que possam vir a constituir o conceito, tais como “*falsa consciência*”, relação de dominação e a própria “*visão social de mundo*”, por exemplo, são elementos que podem estar presentes no conceito e em uma análise em história do pensamento econômico. Afinal, ao utilizar um método que coloca as questões do condicionamento histórico e social, da lógica dialética, do materialismo e da relação indissolúvel entre teoria e prática é possível analisar o fenômeno abarcando estas questões.

Seguindo a pista lançada por Maurice Dobb em seu livro “*Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith*” (1977 [1973]) é possível analisar o conceito da ideologia abarcando tanto a noção de “*falsa consciência*” (que serve como forma de ocultamento das condições de existência do homem, relegando a sua análise ao campo da aparência), quanto também a noção de “*visão social de mundo*”. Para o autor, no entanto, o enfoque maior fica em torno da noção de “*visão social de mundo*”.

“O conceito referir-se-á principalmente ao cunho de relatividade histórica das ideias, quer considere este apenas um elemento ou aspecto das mesmas, quer se entenda que este as caracteriza inteiramente. Mas essa relatividade histórica pode abranger quer a visão total quer a visão parcial, e é talvez isto o que constitui a verdadeira natureza da situação, desafiando por conseguinte qualquer separação analítica radical. Será este de qualquer modo, o significado que teremos sobretudo

em mente nas considerações que se seguem. Talvez seja desnecessário acrescentar que sempre que se utilizar a palavra ‘ideologia’, esta se referirá necessariamente a um *sistema* completo de pensamento, ou a um conjunto coordenado de convicções e ideias que formam uma estrutura, ou grupo, a nível superior, de conceitos relacionados, para chegar a noções, análises, aplicações e -conclusões mais específicas e particulares. Deste modo, a palavra relacionar-se-á geralmente com certas actividades e políticas, mas não necessariamente em termos simples e imediatos; e para aqueles que conduzem a discussão ao nível mais elevado (ou mais genérico), a relação pode não ser sempre inteiramente consciente, e ainda menos explícita. Na acepção mais geral, uma ideologia constitui ou implica uma posição filosófica, no nosso contexto actual uma filosofia social, desde que a isto se não dê um significado excessivamente formal ou metodológico.” (p. 9-10, *sic.*)

Voltando à análise das formulações em história do pensamento económico desenvolvidas por Marx, pode-se afirmar que para o autor o método de estudo do pensamento económico (assim como de qualquer pensamento) consiste em considerar o pensamento como uma síntese (inseparável) da observação da realidade histórica e visão de mundo sob a qual esta observação se realiza.

Conforme Dobb destaca, Marx ao enfatizar a importância da incorporação de questões ligadas à visão social de mundo, questões, portanto, ligadas ao campo da ideologia, segue, um caminho diferente do tradicionalmente abordado neste campo teórico.

Muitos autores, em especial Joseph Schumpeter ([1954] 1964), consideram que seja necessário separar a análise pura da teoria económica de quaisquer elementos que possam carregar consigo tendências e matizes ideológicos, podendo haver assim elementos neutros e objetivos de análise puramente formal. O que se tenta destacar aqui é que esta afirmação não se sustenta, – “a menos que a primeira se limite à estrutura formal, unicamente de afirmação

económica, e não à teoria económica como afirmação substancial sobre as relações reais da sociedade económica” (DOBB, 1977 [1973], p. 52, *sic.*). Conforme é possível perceber na abordagem apresentada por Marx esta distinção torna-se sem sentido, afinal, levando-se em consideração o método de Marx (conforme apresentado anteriormente) a teoria econômica se debruça sobre as relações reais da sociedade, de maneira que enquanto a análise desta realidade e de sua substância é desenvolvida a “intuição histórica, a perspectiva e a visão social” (*ibid.*, p. 34) embebem todo o processo, influenciando a própria análise do teórico<sup>17</sup>. Conforme Dobb destaca,

“Na história real do pensamento económico há provas abundantes do condicionamento histórico da teoria económica, tratada como um sistema mais ou menos socialmente integrado, em qualquer momento, como tentaremos mostrar adiante. Visto que se trata essencialmente duma ciência aplicada, intimamente associada a juízos e avaliações de sistemas e políticas reais, não há motivo para grande surpresa: de facto, seria mais surpreendente não se encontrar nenhum vestígio desse condicionamento social. Por outro lado, isto é verdadeiro mesmo

---

<sup>17</sup> Aqui é importante fazer uma observação acerca do grau de autonomia relativa da visão social de mundo de determinado teórico e sua formulação.

“Isto não significa, evidentemente, que qualquer distorção ou parcialidade desse tipo faça parte da intenção consciente do criador do modelo, que na realidade pode tê-lo escolhido por razões puramente formais, porque o considerou intelectualmente engenhoso ou esteticamente agradável. Mas na medida em que é influenciado pelas suas implicações económicas – isto é, na medida em que está a procurar ser um economista – a forma e projeção desse modelo serão influenciadas pela sua visão do processo econômico, e pelas condições sociohistóricas que determinam e limitam a sua imagem mental da realidade social, sejam elas quais forem.” (DOBB, 1977 [1973], p. 17, *sic.*)

Acerca da subjetividade no processo de formulação teórica, ver também as páginas 28 a 30 da mesma obra de Maurice Dobb.

quanto ao pensamento económico mais abstracto, e quanto aos sistemas mais formalizados, que ao serem examinados acabam por exprimir de maneira surpreendentemente considerável na política real (quando não a alteram). Isto levanta a questão de saber como e porque deve ser assim: a forma e os modos deste condicionamento social e histórico do pensamento abstracto.” (*ibid*, p. 27-28, *sic.*)

“Apesar daquilo que fomos levados a esperar *a priori*, a história da economia política, desde o seu início, fornece abundantes provas de como a formação da teoria económica esteve estritamente (e mesmo conscientemente) associada à formação e defesa duma determinada política. Embora às doutrinas da escola clássica fossem muito abstractas, especialmente na forma que lhes foi dada por Ricardo (a quem Bagehot chamou ‘o verdadeiro fundador da Economia Política abstracta’), estiveram muito estreitamente relacionadas com problemas práticos do seu tempo, conforme veremos. Por outro lado, apreciar esta relação, e observar essas teorias à luz dos problemas políticos a que procuravam responder, é um elemento essencial para compreender a sua intenção e o seu objectivo principal.” (*ibid.*, p. 35, *sic.*)

Percebe-se nestas citações que as formulações no campo da teoria econômica são inseparáveis de elementos ligados à visão social de mundo, logo, realizar uma análise em história do pensamento econômico consiste em compreender o espaço concreto, a realidade econômica estruturada em cada tempo histórico no qual as idéias são criadas. Afinal, essas idéias “são a expressão intelectual das relações sociais vigentes com todas as contradições e as influências herdadas da história, cuja dinâmica é dada fundamentalmente pela luta de classes.” (MALTA *et alli*, 2011, p. 34)

“De um ponto de vista histórico, as doutrinas e idéias econômicas podem ser incluídas entre as mais importantes e influentes formas de ideologia. Como em outras formas de ideologia, a evolução das idéias econômicas depende diretamente



da evolução das formas econômicas e da luta de classes. As idéias econômicas não nascem no vácuo. Frequentemente, elas surgem diretamente da agitação dos conflitos sociais, do campo de batalha entre diferentes classes sociais. Nessas circunstâncias, os economistas agiram como escudeiros dessas classes, fornecendo-lhes as armas ideológicas necessárias para a defesa dos interesses de grupos sociais particulares – muitas vezes deixando de se preocupar com desenvolver sua própria obra e de dar a ela uma fundamentação teórica mais aprofundada.” (RUBIN, 1979 [1929], p. 9)

A ideologia, conforme é possível observar nesta citação de Rubin, é parte fundamental da formulação e do desenvolvimento das teorias econômicas, sendo, “possível caracterizar e classificar teorias económicas (...) conforme o modo como descrevem a estrutura e raízes da sociedade económica, conforme o significado desse modo de descrever para o julgamento histórico e a prática social contemporânea” (Dobb, 1977 [1973], p. 52, *sic.*<sup>18</sup>). A ideologia é, portanto, elemento indissociável de uma consistente análise da história do pensamento econômico.

Em suma, é possível afirmar que abordagem para analisar o pensamento econômico desenvolvida por Marx tem como elemento fundamental a compreensão do pensamento econômico como um elemento indissociável entre a análise da realidade histórica e a visão de

---

<sup>18</sup> Uma outra citação de Dobb pode ser ilustrativa para sintetizar a relação entre visão social de mundo e a análise da história do pensamento econômico e, portanto, das teorias econômicas:

“É possível que isto seja apenas outra maneira de dizer o que já foi dito: que conceitos e teoremas novos têm de ser vistos, simultaneamente, como elaborados em resposta a outros mais antigos (e portanto, neles fundamentados) – como avaliação crítica da sua capacidade para desempenhar a função para que foram criados – e como reflexo duma mudança de experiência humana e de problemas e conflitos implícitos na actividade social humana, que é, por sua vez, motivada pelo uso de noções abstractas aplicadas a seres humanos em geral, aos seus artefactos e a ‘coisas’.” (DOBB, 1977 [1973], p. 54, *sic.*)

mundo sobre a qual esta análise é feita. A construção da história do pensamento econômico seria, portanto, um processo de compreensão das formas de apreensão da realidade econômica estruturada em cada tempo histórico específico, substancialmente influenciada e determinada pelos valores sociais desta época específica. Desta forma, a presença dos elementos históricos, sociais, políticos e ideológicos não pode ser ignorada no processo de formulação teórica em economia. Assim, realizar estudos em história do pensamento econômico significa compreender as diversas interpretações e formulações econômicas de acordo com seu tempo histórico, seus elementos ideológicos e seus valores. A ideologia – ou, se preferir não entrar no debate acerca da questão da ideologia, a visão social de mundo – não é apenas um elemento acessório presente na abordagem de história do pensamento econômico de Marx, mas sim, um elemento fundamental desta abordagem.

Além disto, explorar a relação entre ideologia, teoria e história do pensamento econômico, recuperando o nexos entre estas três instâncias do pensamento, explicita o fato de a ideologia ser constituinte de todo e qualquer pensamento econômico. Este é um movimento que não segue as abordagens tidas como dominantes no meio acadêmico na área de história do pensamento econômico (estas abordagens tendem a separar elementos mais filosóficos, sociais e políticos das análises econômicas, de forma a buscar formulações mais “neutras” e “isentas” de elementos que não sejam considerados “científicos”), recuperando assim uma noção de economia e, portanto da teoria econômica e da história do pensamento econômico, que articula variados elementos constituintes da ciência que não são aqueles puramente analíticos, carregando consigo todas as possíveis contradições (teóricas, históricas e políticas).

### **Capítulo III – A análise de Karl Marx da produção de David Ricardo – apontamentos apresentados em “*O Capital*” e “*Teorias da mais-valia*”.**

A partir da descrição dos principais elementos constitutivos da análise de Marx acerca da história do pensamento econômico realizada no capítulo anterior desta dissertação, parte-se para a análise de um caso exemplar da sistematização realizada por Marx. Neste capítulo pretende-se expor a análise de Marx acerca da obra de David Ricardo, de forma a explicitar a forma como se manifesta o papel da visão de mundo do autor e da história do seu tempo na composição de seu pensamento.

#### **III.1 – Apontamentos acerca da visão de Marx sobre a economia política clássica.**

O termo *economia política clássica*<sup>19</sup> foi a designação cunhada por Marx para os autores do campo da economia política na Inglaterra<sup>20</sup>, com destaque para Adam Smith e David Ricardo. Para Marx, estes autores desenvolveram formulações e interpretações acerca da nascente sociedade capitalista de forma cientificamente comprometida, levantando questões de grande relevância para compreensão daquela realidade, buscando os fenômenos que observavam e identificando neste processo “contradições nas relações sociais e no próprio pensamento por eles construído, enfrentando as dificuldades de se produzir ciência” (Malta e Castelo, 2012, p. 96).

---

<sup>19</sup> Conforme apresentado anteriormente nesta dissertação, a economia política clássica inglesa foi uma das chamadas três fontes do pensamento de Marx identificadas por Lênin.

<sup>20</sup> Na verdade, na Grã-Bretanha como um todo, afinal Adam Smith era escocês, por exemplo.

Nas palavras do próprio Marx:

“no meu entender, economia política clássica é toda a economia que, desde W. Petty, investiga os nexos causais das condições burguesas de produção, ao contrário da economia vulgar, que trata apenas das relações aparentes, ruma, continuamente, o material fornecido, há muito tempo, pela economia científica, a fim de oferecer uma explicação plausível para os fenômenos mais salientes, que sirva ao uso diário da burguesia, limitando-se, de resto, a sistematizar pedantemente e a proclamar como verdades eternas as idéias banais, presunçosas, dos capitalistas sobre seu próprio mundo, para eles o melhor dos mundos.” (MARX, 2006 [1867], livro 1, volume I, nota de rodapé número 32, p.103)

Marx enfatizava a diferença entre os economistas clássicos e os chamados *economistas vulgares*. Os vulgares teriam surgido num período de declínio do pensamento burguês. Conforme Ronald Meek (1971 [1967]) destaca, “Marx, de modo geral, sustentou que o desenvolvimento dos elementos realmente científicos na Economia Política foi interrompido em 1830 e que, daí em diante, começaram a predominar a superficialidade e a apologética.” (p. 256).

Acerca do surgimento dos economistas vulgares e de sua forma de análise, Marx afirmou:

“Não interessava mais saber se este ou aquele teorema era verdadeiro ou não; mas importava saber o que, para o capital, era útil ou prejudicial, conveniente ou inconveniente, o que contrariava ou não a ordenação policial. Os pesquisadores desinteressados foram substituídos por espadachins mercenários, a investigação científica imparcial cedeu lugar à consciência deformada e às intenções perversas da

apologética.” (MARX, Posfácio da segunda edição de *O Capital*, Marx, Londres, 24 de janeiro de 1873, *In: O Capital*, 2006 [1867], livro 1, volume I, p. 11)

É importante destacar que, ainda que Marx elogiasse os economistas clássicos, identificando seus avanços teóricos e, até mesmo, incorporando algumas de suas análises, seu estudo da história do pensamento da economia política era um estudo crítico. Marx identificava no raciocínio daqueles autores falhas de origem, pois não “estavam interessados em verificar como cada uma daquelas formas sociais que estudavam haviam se materializado da exata maneira em que se apresentavam para eles” (Malta e Castelo, 2012, p. 97). Pode-se dizer que uma das maiores críticas de Marx aos clássicos era a naturalização dos fenômenos do capitalismo.

“a falha dos economistas clássicos era que não concebiam a *forma básica do capital*, isto é, a produção desenhada para se apropriar do trabalho de outras pessoas, como uma forma *histórica*, mas como uma forma *natural* da produção social; a análise levada a frente pelos próprios economistas clássicos acabou por pavimentar o caminho para a refutação desta concepção.” (MARX, 1980 [1905], volume III, p. 1538, *itálicos originais do autor*)”

Os autores clássicos foram, na opinião de Marx, os que melhor compreenderam a essência do capitalismo dentre os demais autores contemporâneos ou anteriores. Perceberam os movimentos reais e concretos que caracterizam a sociedade capitalista, de forma a dar destaque a questões essenciais, como a produção. No entanto a forma como analisavam o capitalismo era fruto de enorme discordância e crítica por parte de Marx. Ao analisar os

elementos concretos e aparentes da sociedade capitalista, os clássicos identificaram no capitalismo o momento de plena expressão da natureza humana, o ápice do desenvolvimento da sociedade. Isto é, para os clássicos, o capitalismo seria o estágio de maior avanço e desenvolvimento possível. Suas características seriam as características que explicariam a verdadeira natureza humana. Sua estrutura e seus processos seriam os elementos normatizadores da sociedade. Dessa forma, explicar a economia capitalista significaria explicar todo o processo histórico da humanidade, em especial, explicar a forma como a sociedade deveria se organizar e estruturar. Marx discordava radicalmente desta caracterização feita pelos clássicos. Para Marx, os movimentos e características do capitalismo seriam elementos de um momento histórico específico – o período que ele chamou de *modo de produção capitalista* – com características historicamente construídas, não havendo, portanto, sentido em considerar este período o exemplo de normatização para o comportamento de toda a sociedade nos períodos históricos posteriores, tão pouco devendo ser entendido como reflexo de uma natureza humana. Para Marx, conforme será reafirmado mais adiante neste capítulo, esta caracterização da sociedade burguesa como a norma da sociedade revela o caráter burguês dos autores clássicos. Esta visão de mundo burguesa – “horizonte burguês de análise” –, portanto, condicionaria a análise dos clássicos. Ricardo Tolipan apresentou de forma sucinta esta questão:

“Deste ponto de vista, o formalismo apresentado corresponde a uma teoria geral da sociedade capitalista percebida como fato econômico. Uma característica fundamental desta teoria é que ela toma conta como dadas as categorias que formam esta sociedade econômica como evento específico na história, o que implica sua incapacidade congênita de pôr a questão da origem destas categorias tanto no real

quanto na reflexão teórica. Esta impossibilidade foi apresentada por Marx como a capacidade de romper o ‘horizonte burguês de análise’, querendo com isto dizer que há um duplo limite ao raciocínio economista. Tanto ele incapaz de apreciar movimentos do real para além da estrutura prática capitalista, o que lhe impõe a idéia de que a sociedade burguesa é uma natureza, quanto ele é incapaz de ver isto como problema, isto é, a apreensão da sociedade burguesa como natureza se dá naturalmente: ela faz parte crucial do projeto científico dos economistas clássicos. (Tolipan, 1982b, p. 8)

Marx destaca esta naturalização das instituições da burguesia em diversas passagens de sua obra<sup>21</sup>, por exemplo:

---

<sup>21</sup> Marx, ao tratar da questão da renda nos clássicos, começa sua análise a partir da questão do método que os autores clássicos utilizaram. Na parte 9 do capítulo VIII do volume II de “*Teorias da mais-valia*” (“*Renda diferencial e renda absoluta em sua relação recíproca. O caráter histórico da renda fundiária. Métodos de pesquisa de Smith e Ricardo*”), Marx afirma acerca do método de Ricardo:

“de maneira consciente *abstrai* da forma, da aparência da competição, para apreender as *leis como tais*. Cabe criticá-lo, por um lado, por não avançar nem ser conseqüente bastante na abstração, e assim, por exemplo, ao interpretar o *valor* da mercadoria, logo se deixa influenciar por considerações relativas a condições concretas de toda espécie; por outro lado, por conceber a forma fenomenal, de *maneira imediata e direta*, como prova ou representação das leis gerais, sem *explicá-la*. No primeiro caso, sua abstração é por demais incompleta, e no segundo é abstração formal, falsa em si mesma.” (MARX, 1980 [1905], volume II, p. 536-537, *itálicos originais do autor*)

Deste estrato, é possível levantar algumas questões acerca da crítica de Marx ao método dos clássicos. Para Marx, ainda que Ricardo mantenha o foco de maneira acertada na essência das leis, para além da aparência da troca – “apreender as *leis como tais*” – mistura níveis de abstração diferentes – “não avançar nem ser conseqüente bastante na abstração, e assim, por exemplo, ao interpretar o *valor* da mercadoria, logo se deixa influenciar por considerações relativas a condições concretas de toda espécie” e também não realiza a análise da realidade e derivações destas análises de forma acertada – “a forma fenomenal, de *maneira imediata e direta*, como prova ou representação das leis gerais, sem *explicá-la*”, caindo no que Marx chamou de “abstração formal, falsa em si mesma”, revelando limites em sua lógica. Aparentemente, o que Marx está criticando aqui é o fato de Ricardo – assim como os demais clássicos – se restringir a analisar os fenômenos e movimentos do capitalismo

“ ‘Os economistas têm uma maneira de proceder singular. Para eles só há duas espécies de instituições, as artificiais e as naturais. As do feudalismo são instituições artificiais; as da burguesia, naturais. Equiparam-se, assim, aos teólogos, que classificam as religiões em duas espécies. Toda religião que não for a sua é uma invenção dos homens; a sua é uma revelação de Deus. – Desse modo, havia história, mas, agora, não há mais.’ (Karl Marx, *Misère de la philosophie. Réponse à la philosophie de la misère de M.Proudhon*, 1847, p. 113).” (MARX, 2006 [1867], livro 1, volume I, *nota de rodapé número 33*, p. 103)

Uma característica crucial dos economistas clássicos, na opinião de Marx, era a sua identificação de classe, seu posicionamento burguês, ou seja, possuíam – utilizando a nomenclatura sugerida nesta dissertação – *uma visão de mundo burguesa*.

Não se pretende fazer reducionismo da obra dos clássicos por conta de seu posicionamento burguês, muito menos era esta a intenção de Marx. Maurice Dobb apresenta muito bem esta questão na seguinte citação:

---

a partir de seu movimento concreto, não buscando compreender e explicitar suas análises a partir de movimentos de síntese em cima do concreto observado. Esta crítica de Marx leva à indagação do por quê que os clássicos não rompiam com esses limites do seu método. Estaria este movimento de análise dos clássicos associado ao fato de naturalizarem a sociedade capitalista? Será que não buscavam compreender os movimentos concretos da realidade de forma mais aprofundada, buscando explicar estes movimentos, não somente explicitá-los, por que compreendiam estes movimentos como expressão da natureza humana, e os movimentos que toda a sociedade deveria realizar, não havendo assim, necessidade de compreender a essência destes movimentos, para além de suas expressões fenomênicas?



“Sabe-se que Marx falou da escola de economia política clássica (termo que ele próprio criou) como de ‘escola burguesa’. Mas não pretendeu de modo algum pôr de parte as suas doutrinas, por serem completamente negativas e produto de ‘falsa consciência’: de facto, destacou elogiosamente o avanço que o seu pensamento representou e a visão científica de que deram provas quanto à natureza da sociedade económica (embora dentro ‘dos limites para além dos quais ‘o seu pensamento’ não podia passar’). Mesmo quanto ao período posterior a 1830, do qual falou como de ‘economia vulgar’, teve o cuidado de discriminar, e de modo nenhum tratou todos os economistas como ‘campeões a soldo’ ou ‘massa reaccionária homogênea’ (dizendo de John Stuart Mill e outros como ele, por exemplo, que ‘seria um grande erro classificá-los juntamente com o rebanho de apologistas económicos vulgares’).” (DOBB, 1977 [1973], p. 43-44, *sic.*)

Para Marx, o exclusivo fato destes autores serem burgueses não invalidava *a priori* suas formulações. Mas, como se tentará expor nesta dissertação, este posicionamento de classe pode impor limites – “horizonte burguês de análise” – às teorias e interpretações destes autores. Adquirindo, desta maneira, um papel relevante na construção de suas teorias, conforme destaca Marx “a economia política burguesa, isto é, a que vê na ordem capitalista a configuração definitiva e última da produção social, só pode assumir caráter científico enquanto a luta de classes permaneça latente ou se revele apenas em manifestações esporádicas.” (MARX, Posfácio da segunda edição de *O Capital*, Marx, Londres, 24 de janeiro de 1873, *In: O Capital*, 2006 [1867], livro 1, volume I, p. 22-23).

Os clássicos foram para Marx uma fonte teórica. Foram os autores que em sua opinião melhor compreenderam e analisaram o capitalismo de seu período. No entanto, o estudo aprofundado por Marx de suas obras não os isentou de severas críticas. Marx analisava o

mesmo objeto que os clássicos – a sociedade capitalista –, no entanto, partiam de pontos de vista bastante diferentes, seguiam métodos de análise distintos e tinham objetivos distintos ao analisar este objeto: Marx pretendia compreender a sociedade capitalista para poder realizar mudanças sociais nesta sociedade, enquanto os clássicos visavam melhorar e alavancar esta sociedade.

### **III.2 – David Ricardo sob a ótica de Karl Marx – uma aplicação do método de história do pensamento econômico de Karl Marx.**

Karl Marx considerava David Ricardo um dos maiores pensadores da economia política clássica inglesa, havendo referências e reverências a este pensador em diversas passagens de suas obras. Por exemplo, no posfácio à segunda edição do volume I de “*O Capital*” (1873), Marx se refere a Ricardo como “o último grande representante” da escola clássica (*ibid., id.*, p. 23) e no livro *Grundrisse*, Marx descreve Ricardo como “o economista *por excelência* da produção” (MARX *apud* DOBB, 1977 [1973], p. 43, *itálicos originais do autor*).

David Ricardo<sup>22</sup> nasceu em 18 de abril de 1772, em Londres, filho de uma família abastada do ramo mercantil (seu pai era um proeminente corretor da bolsa de valores, imigrante egresso da Holanda). Conforme destacado por Malta (2007, *Mimeo*, sem página)

---

<sup>22</sup> Para uma melhor e mais aprofundada apresentação da trajetória de Ricardo, ver Sraffa (2005 [1951-1954]).

sua educação direcionara-se para formação na área mercantil, e aos 14 anos começou a trabalhar com o pai no ramo (mais tarde, abandonaria a firma do pai e seguiria trabalhando na área, obtendo enorme sucesso e prestígio). Ainda que sua formação não seguisse a chamada “educação clássica” (que abrangia conhecimentos nos diversos campos do conhecimento, em especial os mais abstratos e filosóficos), Ricardo mostrava interesse em diversas áreas do conhecimento, havendo nos anos de sua formação estudado com professores particulares em suas horas de folga do trabalho e, posteriormente, aos 25 anos de idade, retornou aos estudos científicos, debruçando-se sobre diversos campos do conhecimento, mas aprofundando-se no campo da economia política, área na qual viria a ser um de seus maiores expoentes.

A interpretação da obra de Ricardo realizada por Marx será tomada como um caso exemplar para analisar como se manifesta o posicionamento de classe na construção do pensamento econômico. Nas próprias palavras de Marx, no livro *Contribuição à crítica da economia política*, “ainda que envolvido nesse horizonte burguês, Ricardo faz a dissecação da economia burguesa – que é muito mais distinta em suas profundezas do que parece na superfície – com tal agudez teórica” (MARX, [1859] 2008, p. 88)<sup>23</sup>.

Marx apresenta, analisa e critica a obra de David Ricardo (1772 – 1823) ao longo dos três volumes de seu livro “*Teorias da mais-valia*”, dando ênfase especial à obra deste autor no

---

<sup>23</sup> Marx no posfácio à segunda edição inglesa de *O Capital* afirma acerca do posicionamento de Ricardo e da economia política clássica:

“Veamos o exemplo da Inglaterra. Sua economia política clássica aparece no período em que a luta de classes não estava desenvolvida. Ricardo, seu último grande representante, toma, por fim, conscientemente, como ponto de partida de suas pesquisas, a oposição entre os interesses de classe, entre o salário e o lucro, entre o lucro e a renda da terra, considerando, ingenuamente, essa ocorrência uma lei perene e natural da sociedade. Com isso, a ciência burguesa da economia atinge um limite que não pode ultrapassar.” (MARX, 2006 [1867], livro 1, volume I, p. 23)

volume II. A análise dos estudos e apontamentos de Marx acerca das questões referentes à obra de Ricardo, nos quais se pode destacar os elementos ideológicos que caracterizam a sua análise, assim como os elementos históricos que a constituem é o foco desta dissertação. Para isto, será exposta a análise de Marx acerca destes elementos da obra de Ricardo apresentada no livro “*Teorias da mais-valia*”, mas também se dará espaço para algumas outras menções ao longo de outros pontos de sua obra de construção da crítica da economia política.

Vale a pena destacar para este fim a visão de Marx sobre a caracterização de Ricardo do modo de produção capitalista.

Marx recolhe do texto de Ricardo que na sua opinião, o modo de produção capitalista é o “o mais vantajoso para a produção em geral, o mais vantajoso para a geração da riqueza” (Marx, 1980 [1905], volume II, p. 549). Marx vai ainda mais longe e afirma que para Ricardo o modo de produção capitalista “quer a produção pela produção, e está certo” (*ibid., id., p. 549*). Nesta questão busca destacar que Ricardo percebe a dinâmica do sistema como aquela em que a produção existe pela necessidade de geração e expansão da riqueza.

“Querer sustentar, como o fizeram os adversários sentimentais de Ricardo, que a produção como tal não é o objetivo, é esquecer que a produção pela produção significa apenas desenvolvimento das forças produtivas humanas, ou seja, *desenvolvimento da riqueza da natureza humana como fim em si.*” (*ibid., id., p. 549*)

Neste sentido, ainda que tenham objetivos de sociedade distintos – Ricardo não somente era um defensor do capitalismo, como também desenvolvera suas análises de modo a pensar em formas de melhorar e favorecer o desenvolvimento deste sistema – Ricardo e Marx

ao analisar o capitalismo, o mesmo objeto, reconheciam no movimento de desenvolvimento das forças produtivas um processo de grande importância.

Conforme se percebe nas seguintes passagens, esta consideração da “produção pela produção” de Ricardo, ainda que seja um elemento fundamental, se apresenta como uma percepção científica da dinâmica do objeto real e concreto, no entanto, ao tomar sentido de norma em seu argumento, revela seu limite de “visão de mundo burguesa”. Esta questão da normatização feita pelos clássicos possui um caráter ideológico que deve ser destacado. Ricardo observa bem a essência do capitalismo – o foco na expansão da riqueza é um elemento que Marx também destaca e faz parte de uma análise científica da sociedade capitalista – mas, ao transformar este movimento descritivo da essência do sistema em um movimento de normatização, isto é, ao tornar o movimento típico do capitalismo em um movimento que deva orientar toda a sociedade – seria o movimento ápice da sociedade – revela seu caráter burguês<sup>24</sup>.

Marx expõe claramente a existência desses elementos da visão de mundo de Ricardo, no entanto, o aspecto científico da obra de Ricardo possui maior relevância:

“Assim, a dureza de Ricardo constituía *probidade científica* e se impunha *cientificamente* de seu ponto de vista. Por isso, para ele tanto faz que o desenvolvimento ulterior das forças produtivas liquide propriedade da terra ou trabalhadores. Esse progresso, mesmo que desvalorize o capital da burguesia industrial, é-lhe por igual benvindo. Se o desenvolvimento da força produtiva desvaloriza de metade o capital fixo *existente*, que importa, diz Ricardo. Duplicou a produtividade do trabalho humano. Há portanto *probidade científica*. Se no todo a

---

<sup>24</sup> Tal como apresentado anteriormente nesta dissertação.

concepção de Ricardo se ajusta ao interesse da *burguesia industrial*, isto se dá somente *porque e até o ponto em que* esse interesse coincide com o interesse da produção ou do desenvolvimento produtivo do trabalho humano. Quando se opõe a esse interesse, a *impiedade* de Ricardo contra a burguesia é a mesma das outras ocasiões em que ele é contra o proletariado e a aristocracia.” (*ibid., id., p. 550, sic.*)

Sendo possível notar como Marx percebe as nuances da análise de Ricardo. Marx destaca a cientificidade nesta análise, seu ponto de vista burguês, mas que não se organizava acriticamente, sendo uma visão burguesa que tem como sentido o desenvolvimento do capitalismo, acima de qualquer apologética superficial ao projeto burguês (no caso, da burguesia industrial). É interessante notar que esta passagem evidencia que o caráter burguês de Ricardo é tão forte que chega a criticar a própria classe que representa, quando esta classe cai em movimentos semelhantes aos da aristocracia que combate – manutenção do *status quo* – e que possam vir a impedir a concretização do movimento essencial da produção capitalista, a geração e expansão da riqueza.

Para Marx é fundamental fazer referência à história do tempo de determinado autor, inserindo-o no movimento histórico em que viveu e produziu suas teorias. A história possui, para Marx em sua abordagem em história do pensamento econômico, um duplo papel: por um lado, serve de limite para sua observação e também de base para sua visão teórica e visão de mundo, afinal, do ponto de vista materialista, alguém só pode responder a questões que lhe são colocadas pelo seu próprio tempo histórico, sua visão é, portanto, referida historicamente. Nas palavras do próprio Marx:

“Para observar a conexão entre a produção intelectual e a material, é mister antes de tudo apreender esta não como categoria geral, mas em forma *histórica definida*. Assim, por exemplo, ao modo de produção capitalista corresponde produção intelectual de espécie diferente daquela do modo de produção medieval. Se não se concebe a própria produção material da forma *histórica específica*, é impossível entender o que é característico na produção intelectual correspondente e a interação entre ambas. Fora disso, fica-se em lugares comuns. O que inclui a retumbante palavra ‘civilização’.

E mais: da forma específica da produção material resulta: 1) determinada estrutura da sociedade e 2) determinada relação dos homens com a natureza. As duas determinam o governo e a visão intelectual dos homens. Em consequência, também o gênero da produção intelectual.” (MARX, 1980 [1905], volume I, p. 267, *itálicos originais do autor*)

Esta contextualização do período histórico do autor estudado, suas origens, o local onde escreve e os debates políticos, sociais e econômicos que permeiam suas teorias é um passo fundamental para uma análise em história do pensamento econômico a partir do método em história do pensamento econômico desenvolvido por Marx.

No capítulo XI do volume II de “*Teorias da mais-valia*”, Marx começa fazendo uma contextualização do período histórico abordado por Ricardo (e também no qual o autor escrevia sua teoria). A saber, “o período de 1770-1815, com que até certo ponto conviveu e no qual os preços do trigo subiram de maneira constante” (Marx, 1980 [1905], volume II, p. 667), período no qual foi introduzida a famosa “lei sobre os cereais” de 1815.

“Ricardo sabia que a introdução das leis sobre os cereais (1815) visava impedir e até certo ponto tinha de impedir a queda dos preços. Para ele importava acentuar que a lei da renda fundiária entregue a si mesma – *dentro de determinado território* – tinha de motivar recurso a terras menos férteis, portanto, encarecimento dos produtos agrícolas, crescimento da renda às custas da indústria e da massa da população. E aí Ricardo tinha razão prática e historicamente.” (p. 667-668, *itálicos originais do autor*)

Para Marx também é importante destacar que Ricardo escrevia na Inglaterra (nas ilhas), onde havia um contexto político, histórico e sócio-econômico diferente da Europa Continental<sup>25</sup>. Sendo as principais peculiaridades da Inglaterra o processo de “cercamento das terras comuns” e também o fato de que “nenhures no mundo, a produção capitalista, desde Henrique VII, amoldou-se tão brutalmente as relações *tradicionais* da agricultura, adaptou-se e subordinou as condições desta a suas exigências” (*ibid., id.*, p. 668), donde conclui que “As condições inglesas, são as únicas onde a *moderna propriedade fundiária*, isto é, a propriedade das terras *modificada* pela produção capitalista, teve desenvolvimento adequado. Aí a concepção inglesa é a clássica para o modo de produção moderno, capitalista.” (*ibid., id.* p.669, *itálicos originais do autor*).

Para Marx, somente na Inglaterra algum autor poderia partir do pressuposto de que a renda marcha dos melhores para os piores solos de forma absoluta, afinal, somente em um país como a Inglaterra

---

<sup>25</sup> Elemento que adquire maior importância quando a obra de Ricardo é analisada em comparação às teorias dos demais economistas contemporâneos, tal como Marx faz ao longo de suas obras.



“o capital, num território relativamente pequeno, já tinha operado de maneira tão implacável e procurado há séculos adequar, sem compaixão, a suas necessidades, todas as condições tradicionais da agricultura. Só podia surgir portanto onde a produção capitalista na agricultura não é de origem recente e nem luta contra nenhuma tradição antiga, como sucede na Europa Continental.” (*ibid.*, *id.* p. 669)

O fato de a Inglaterra vivenciar o domínio da produção capitalista plenamente desenvolvida se mostra fundamental para o “pressuposto do fluxo contínuo de capital de um ramo para outro, esse *pressuposto fundamental de Ricardo*” (*ibid.*, *id.*, p. 670, *itálicos originais do autor*).

Um outro aspecto destacado por Marx para a contextualização da teoria da renda de Ricardo reside na questão da visão desenvolvida nos ingleses por conta da existência de suas colônias. Este aspecto foi mais desenvolvido por Smith, mas também causou impacto na obra de Ricardo. Nas palavras de Marx:

“Nessas colônias – e em especial nas que só produziam artigos para o comércio como fumo, algodão, açúcar etc. e não os produtos comuns para a alimentação – onde os colonos, de antemão, não procuravam subsistência, mas estabeleciam um negócio, o que decidia, *dada a localização geográfica*, era a fertilidade da terra, e dada a fertilidade, a localização geográfica. (...) A circunstância de Ricardo e outros escritores ingleses transferirem esses critérios (a saber, critérios determinados pela venda do produto, e não pelo produto em si) – procedentes de homens que já eram eles mesmo o produto do modo de produção capitalista – das colônias para o palco da história mundial e considerarem o *modo capitalista de produção* condição prévia da agricultura em geral, como o era para *aqueles* colonos, explica-se pelo fato de

reencontrarem nessas colônias e de maneira mais evidente, *sem luta contra relações tradicionais e em toda pureza* portanto, o mesmo domínio da produção capitalista na agricultura, domínio que salta aos olhos por toda parte do próprio país.” (*ibid., id., p. 670, itálicos originais do autor*)

Um outro elemento fundamental para a contextualização da produção teórica de Ricardo reside em sua atuação política, em especial em sua atuação no Parlamento.

Um dos principais temas debatidos na época dizia respeito à questão do comércio internacional. No Parlamento, Ricardo colocou em prática sua concepção acerca do papel do comércio internacional na economia, desenvolvido primeiramente no “*Ensaio acerca da influência do baixo preço do cereal sobre os lucros do capital*” (1815) e posteriormente melhor desenvolvido, transformado em uma teoria de fato do comércio internacional nos “*Princípios de economia política e tributação*” (1817).

O texto “*Ensaio acerca da influência do baixo preço do cereal sobre os lucros do capital*” – de 1815 – base para sua teoria acerca do comércio internacional, fora escrito em um momento histórico muito específico. Na época, estava em curso no Parlamento inglês um debate bastante acalorado acerca da questão da importação de cereais, resultante do período do fim das Guerras Napoleônicas. Ricardo desenvolvera sua análise e teoria acerca desta questão com o intuito específico e direto de influenciar politicamente este debate no Parlamento.

Conforme apontado por Malta (2007, *mimeo.*), sua teoria do comércio internacional consiste no seguinte raciocínio:

“Ricardo formula, de fato, uma teoria dos custos comparados cujo resultado é que cada país se especializa na produção daquele bem em que possui vantagem relativa, mesmo que não absoluta, no custo de produção. A idéia dos custos comparados é simplesmente a de que a relação entre os custos de produção dos bens dentro de cada país vai orientar a escolha de quais bens serão produzidos internamente (e para a exportação) e quais bens serão importados. Ricardo afirmava que o comércio internacional seria vantajoso na medida em que tornasse possível se obter uma mercadoria a um custo menor do que aquele que se teria ao produzi-la internamente. Esta visão indicava que, na verdade, para cada país o custo da mercadoria importada é igual ao custo de produção das mercadorias que são exportadas em troca dela. Assim, cada país valoriza as mercadorias de acordo com o seu custo de produção interno, o que significa que mesmo a mercadoria sendo importada e tendo sido produzida a custos diferentes seu valor para aquela nação será igual ao quanto se gastaria se esta tivesse sido produzida internamente. (MALTA, 2007, p. 4-5)

Ricardo, desta forma, percebia no comércio internacional a possibilidade de ganhos para ambos países envolvidos na transação comercial. Juntando sua teoria acerca do comércio internacional com a análise de David Hume acerca do mecanismo de ajuste automático da balança comercial sob o padrão ouro – padrão monetário vigente na época – Ricardo foi um grande combatente no Parlamento das chamadas leis dos cereais – *Corn Laws* – que proibiam a importação de trigo caso o preço do cereal caísse abaixo de um determinado patamar pré-estabelecido. Este conjunto de leis tinha “como objetivo a proteção da agricultura inglesa contra a concorrência externa e como consequência interessante a garantia da manutenção das rendas dos proprietários de terra.” (Malta, 2007, p.10). Segundo o raciocínio de Ricardo, “esta lei impedia a Inglaterra de aproveitar todas as vantagens que estavam a seu alcance a partir

das trocas internacionais, restringido em última instância sua capacidade de acumulação.”  
(*ibid.*, *id.*, p. 6).

É importante notar que esta análise de Ricardo acerca do comércio exterior e da importação de cereais não é estudada e observada por Marx sem se tornar alvo de críticas. Acerca da influência do comércio exterior sobre a taxa de lucro, Marx afirma que ainda que fossem notórios os benefícios da importação de cereais em casos da queda dos preços dos alimentos dos trabalhadores, Ricardo não observava também os benefícios da importação de cereais mesmo quando esta não rebaixasse os preços dos alimentos dos trabalhadores:

“Ricardo se engana por completo ao tratar da influência do comércio estrangeiro, nos casos em que esse comércio não rebaixa diretamente os preços dos alimentos dos trabalhadores. Não vê a importância enorme que tem para a Inglaterra, por exemplo, obter matérias-primas mais baratas destinadas à indústria, e que nesse caso, como já mostrei, *embora os preços caiam, a taxa de lucro sobe*, enquanto no caso oposto a taxa de lucro pode cair com *preços ascendentes*, mesmo quando, nos dois casos, o salário continue o mesmo.” (MARX, 1980 [1905], p. 868)

Com este exemplo, pretende-se mostrar como o comércio internacional – no caso, a importação de matérias-primas – poderia beneficiar a indústria inglesa mesmo em casos não previstos por Ricardo, em decorrência de alguns limites de sua teoria, no caso, sua teoria dos lucros.

Percebe-se neste movimento de construção da teoria do comércio internacional de Ricardo um claro exemplo da forma como a inserção política de um determinado autor, assim

como seu posicionamento de classe – no caso, contrário a antiga aristocracia ligada às terras e a favor da burguesia ascendente – pode influenciar e direcionar o desenvolvimento teórico de um determinado autor.

Nesta apresentação da análise de Marx a respeito da obra de Ricardo buscou-se destacar o papel que a visão de mundo de um determinado autor – os elementos ideológicos – assim como a sua inserção na história de seu tempo – os elementos históricos – influenciam a formulação teórica deste determinado autor, sendo necessário, portanto, um escrutínio destes elementos ao se realizar uma análise em história do pensamento econômico e das controvérsias e questões nas quais se insere. Este movimento de associação dos aspectos ideológicos e históricos na construção da teoria de um autor e, portanto, na análise da história do pensamento econômico é um movimento fundamental para a análise de Marx neste campo, em especial nos estudos que serviram de base para o livro “*Teorias da mais-valia*”.

## Conclusão

Conforme apresentado na introdução deste trabalho, esta dissertação é fruto de algumas indagações: *Qual o papel da história do pensamento econômico na construção teórica dos autores no campo da economia? Qual a relação entre ideologia e a análise de Marx em história do pensamento econômico? Se há uma relação entre ideologia e a história do pensamento econômico analisada por Marx, qual conceito de ideologia Marx utiliza em sua análise? Qual a relação entre história do pensamento econômico, ideologia e a história real do tempo dos autores?*

Realizado o esforço da dissertação, cabe retornar às questões para verificação se as indagações foram respondidas ou não ao longo deste trabalho.

O primeiro questionamento – *Qual o papel da história do pensamento econômico na construção teórica dos autores no campo da economia?* – talvez seja o mais complexo de todos. De antemão, é possível afirmar que esta dissertação não deu conta de respondê-lo completamente.

Ao longo dos estudos para a construção desta dissertação foi possível perceber que a análise realizada por Marx acerca da obra dos economistas contemporâneos e predecessores à sua época foi de grande subsídio para a construção de suas obras acerca da crítica da economia política – em especial nos livros “*Contribuição à crítica da economia política.*”, “*O Capital: crítica da economia política.*” e “*Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico.*”. Ao longo destas obras, Marx faz várias referências, reverências e críticas aos diversos economistas. Por exemplo, logo no primeiro capítulo de “*O Capital*” –

intitulado “*A mercadoria*”, Marx faz diversas citações aos clássicos e a Ricardo, como é possível perceber nas seguintes citações:

“A análise de Ricardo sobre a magnitude do valor, a melhor, é, contudo, insuficiente, como se verá nos Livros Terceiro e Quarto<sup>26</sup> desta obra. Quanto ao valor em geral, a economia política clássica não distingue, expressamente e com plena consciência, entre o trabalho representado no valor e o mesmo trabalho representado no valor-de-uso do produto. É claro que faz, de fato, essa distinção, ao considerar o trabalho, ora qualitativa, ora quantitativamente. Mas não lhe ocorre que a distinção puramente quantitativa dos trabalhos pressupõe a unidade qualitativa, sua homogeneidade, sua redução, portanto, a trabalho humano abstrato.” (MARX, 2006 [1867], *nota de rodapé número 31*, p. 101-102)

“Uma das falhas principais da economia política clássica é não ter conseguido deavassar – partindo da análise da mercadoria e, particularmente, do valor da mercadoria – a forma do valor, a qual o torna valor-de-troca. Seus mais categorizados representantes, como A. Smith e Ricardo, tratam com absoluta indiferença a forma do valor ou consideram-na mesmo alheia à natureza da mercadoria. O motivo não decorre apenas de a análise da magnitude do valor absorver totalmente sua atenção. Há uma razão mais profunda. A forma do valor do produto do trabalho é a forma mais abstrata, mais universal, do modo de produção burguês, que, através dela, fica caracterizado como uma espécie particular de produção social, de acordo com sua natureza histórica. A quem considere esse modo de produção a eterna forma natural da produção social, escapará, necessariamente, o que é específico da forma do valor e, em consequência, da forma mercadoria e dos seus desenvolvimentos posteriores, a forma dinheiro, a forma capital etc. encontram-se, por isso, economistas que concordam plenamente em ser a magnitude do valor

---

<sup>26</sup> Por Livro Quarto, entender “*Teorias da mais-valia*”.

medida pelo tempo de trabalho, mas sustentam, em relação ao dinheiro, figura conclusa do equivalente geral, as idéias mais contraditórias e extravagantes.” (*ibid.*, *id.*, nota de rodapé número 32, p. 102-103)

No entanto, não foi possível realizar o necessário escrutínio analítico acerca da relação entre a análise realizada no âmbito da história do pensamento econômico e a construção teórica de Marx, de forma a explicitar as influências do estudo dos demais economistas para a formulação da sua própria teoria do valor e da distribuição. Pretende-se realizar este estudo posteriormente, estabelecendo assim uma agenda de pesquisa e estudos de forma a aprofundar este estudo analítico da obra de Marx, de forma a explicitar concretamente as incorporações realizadas pelo autor a partir dos estudos no âmbito da história do pensamento para a sua própria teoria.

Acerca da questão “*Qual a relação entre ideologia e a análise de Marx em história do pensamento econômico?*”, a partir da exposição do debate acerca da questão da ideologia na tradição marxista e na obra de Marx, assim como na exposição do método desenvolvido por Marx no âmbito da história do pensamento econômico e, por fim, da análise concreta do exemplo da interpretação de Marx acerca dos clássicos, em especial de Ricardo, buscou-se expor como a ideologia é um aspecto indissociável da análise de Marx em história do pensamento econômico, sendo este elemento fundamental para a caracterização da obra de um determinado autor e para a sua inserção no âmbito da história do pensamento. Tal como destaca Terry Eagleton, a análise dos aspectos ideológicos da formulação teórica de um determinado autor permite observar como determinados elementos – inclusive falhas – teóricas de sua obra são fruto de elementos ideológicos, influenciando e condicionando sua análise, e que não poderiam ser identificados caso não fosse analisado o seu aspecto ideológico.



“Analisar uma forma de comunicação sistematicamente distorcida, seja ela um sonho ou uma ideologia, é, pois, revelar como suas lacunas, repetições, elisões e equivocacões têm significação em si mesmas. Como frisa Marx nas *Teorias da mais-valia*: ‘As contradições de Adam Smith são importantes porque contêm problemas que ele não soluciona, é verdade, mas que revela ao se contradizer. Se conseguirmos desnudar as condições sociais que ‘forçam’ determinado discurso a incorrer em certas tapeaçõs e disfarces, poderemos igualmente examinar os desejos recalcados que introduzem distorções no comportamento de um paciente neurótico, ou no texto de um sonho.’ (EAGLETON, 1996, p. 208).

A questão “*Se há uma relação entre ideologia e a história do pensamento econômico analisada por Marx, qual conceito de ideologia Marx utiliza em sua análise?*” pode ser respondida a partir da inferência de alguns elementos derivados da questão anterior.

Ao se constatar que a ideologia possui, de fato, um papel relevante na análise em história do pensamento econômico desenvolvida por Marx foi possível perceber que a forma como a ideologia se revela está muito mais associada a uma concepção próxima à concepção de *visão de mundo*, com todas suas nuances, do que com a visão mais estrita, que considera a ideologia somente pelos seus aspectos negativos, veladores da realidade. É claro que o conceito de visão de mundo incorpora também os aspectos negativos da ideologia, mas vai além destes, expondo nuances que o conceito estrito não alcança. Considera-se que ao analisar os clássicos, em especial a obra de Ricardo, Marx tem a visão de mundo burguesa destes autores como o elemento revelador dos aspectos ideológicos de suas teorias.

Aqui é importante destacar que este trabalho não tem como objetivo estabelecer a palavra final neste polêmico e amplo debate dentro da tradição marxista acerca da concepção

de ideologia em Marx. Considera-se que a questão da ideologia é uma questão que provavelmente seguirá por muito tempo sem uma formulação conclusiva. Quiçá sempre será uma questão em aberto, repleta de polêmicas e contradições. O presente trabalho se insere neste contexto como tentativa de compreender um pouco melhor este debate, no qual foi possível perceber que há sim elementos que possam assegurar a existência de mais de um conceito de ideologia na obra de Marx, afinal, em suas análises no âmbito da história do pensamento econômico a concepção próxima à concepção de visão de mundo se encaixa melhor.

Por fim, o último questionamento: *Qual a relação entre história do pensamento econômico, ideologia e a história real do tempo dos autores?*

Tendo sido estabelecida a relação indissociável entre ideologia e a análise da história do pensamento econômico em Marx é necessário destacar também a enorme importância da relação entre a ideologia, a história do pensamento econômico e a história real do tempo dos autores. Conforme foi afirmado nesta dissertação, um autor é constantemente influenciado e limitado pelas questões históricas de seu tempo. Seja pelo aspecto de que a história de seu tempo serve de limite para sua observação da realidade concreta, como também de base para sua visão teórica e visão de mundo. Isto se dá porque, do ponto de vista materialista, um sujeito só pode responder a questões que lhe são colocadas pelo seu próprio tempo histórico, sua visão é, portanto, referida historicamente. Sendo necessário, desta forma, associar a referência histórica com o referencial ideológico deste determinado autor, de forma a estabelecer a sua visão de mundo e sua inserção histórica.

Desta forma, uma análise em história do pensamento econômico a partir do método desenvolvido por Marx tem como guia não somente os elementos tidos como teóricos, mas

também os elementos ideológicos e históricos que permeiam, influenciam e condicionam suas formulações teóricas.

É importante reafirmar que este estudo é um estudo que ainda tem muitos elementos a serem explorados. Conforme destacado anteriormente, ainda existem questões acerca do método em história do pensamento econômico desenvolvido por Marx que devem ser devidamente estudados, sendo necessário realizar um escrutínio analítico de sua obra, de forma a identificar como a perspectiva crítica<sup>27</sup> da análise de Marx da herança teórica da qual era legatário influenciou e orientou sua própria formulação teórica a respeito do valor e da distribuição no âmbito de uma sociedade capitalista.

---

<sup>27</sup> Neste aspecto acerca da perspectiva crítica em Marx e da incorporação dos elementos de suas fontes em sua obra, considera-se importante esta formulação de José Paulo Netto:

“Cabe insistir na perspectiva *crítica* de Marx em face da herança cultural de que era legatário. Não se trata, como pode parecer a uma visão vulgar de ‘crítica’, de se posicionar frente ao conhecimento existente para recusá-lo ou, na melhor das hipóteses, distinguir nele o ‘bom’ e o ‘mal’. Em Marx, a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer o exame racional, tornando-os conscientes, os seus *fundamentos*, os seus *condicionamentos* e os seus *limites* – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos processos históricos reais. É assim que ele trata a filosofia de Hegel, os economistas políticos ingleses (especialmente Smith e Ricardo) e os socialistas que o precederam (Owen, Fourier *et alii*).” (NETTO, 2011, p. 18, *grifos originais do autor*)

## Referências Bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), (2008 [1980]).

DOBB, Maurice. *Teorias do valor e da distribuição desde Adam Smith*. Trad. Álvaro de Figueiredo. Lisboa, Ed. Martins Fontes, (1977 [1973]).

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Trad. Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo, Boitempo e Unesp Editora, (1997 [1991]).

\_\_\_\_\_. A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental. In: ZIZEK, Slavoj (org.) *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro 3ª reimpressão. Rio de Janeiro, Contraponto. p. 179-226, 1996.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Trad. Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, (1972 [1967]).

IASI, Mauro Luis. *Ensaio sobre consciência e emancipação*, São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LÊNIN, Vladimir. As três fontes. In: LÊNIN, Vladimir. *As três fontes*. 3ª ed. São Paulo, Editora Expressão Popular, (2006 [1913]), p. 65-72.

LIGUORI, Guido. *Roteiros para Gramsci*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 18ª edição. São Paulo, Cortez, (2008 [1985a]).

\_\_\_\_\_. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. 9ª ed. São Paulo, Cortez Editora, (2009 [1985b]).

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

MALTA, Maria Mello de. *Os economistas simplificados: David Ricardo*. Mimeo. 2007.

MALTA, Maria Mello de *et alii*. “A história do pensamento econômico brasileiro entre 1964 e 1989: um método para discussão”. In: MALTA, Maria Mello de. (coord.). *Ecos do desenvolvimento: uma história do pensamento econômico brasileiro*. Rio de Janeiro, IPEA/Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 23-52.

MALTA, Maria; CASTELO, Rodrigo. Marx e a história do pensamento econômico: um debate sobre método e ideologia. In: GANEM, Angela; FREITAS, Fábio; MALTA, Maria. (orgs.) *Economia e filosofia: controvérsias e tendências recentes*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2012, p. 85-100.

MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Vols. 1-3. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (1980 [1905-1910]).

\_\_\_\_\_. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Trad. Leandro Konder e Renato Guimarães. Rio de Janeiro, Paz e Terra, (1997 [1869]).

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo, Boitempo, (2004 [1844]).

\_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política*. Vols. 1-6. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 24ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (2006 [1867-1894]).

\_\_\_\_\_. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo, Editora Expressão Popular, (2008 [1859]).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo, Boitempo Editorial, (2007 [1846]).

MEEK, Ronald. *Economia e Ideologia*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, (1971 [1967]).

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2011.

RICARDO, David. *Princípios de economia política e tributação*. Trad. Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. São Paulo, Abril Cultural, (1982 [1817]).

RUBIN, Isaak. *A history of economic thought*. London, Pluto Press, (1979 [1929]).

SANT'ANNA, Reginaldo. Nota do tradutor In: MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Vols. 1-3. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, (1980 [Traduzido da edição russa de 1954]).

SANTOS, Rodrigo Castelo dos. *O social-liberalismo: a ideologia neoliberal para a “questão social” no século XXI*. Tese – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

SRAFFA, Piero. Introdução. IN: RICARDO, David. [Versão de Piero Sraffa (1951)] *Princípios de Economia Política e Tributação* (Coleção Os Economistas), Trad. Paulo Henrique Ribeiro Sandroni, São Paulo, Abril Cultural, (1982 [1817] [1951]), p. 3-35.

\_\_\_\_\_. Introductions. In: SRAFFA, Piero (ed. with the collaboration of Maurice Dobb) *The Works and Correspondence of David Ricardo*. 11 vols. Indianapolis, Liberty Fund, 2005 [1951-1954].

SCHUMPETER, Joseph. *História da Análise Econômica*. Trad. Missão Norte-Americana de Cooperação Econômica e Técnica no Brasil (USAID). Rio de Janeiro, USAID, (1964 [1954]).

TEIXEIRA, Aloísio. “Marx e a economia política: a crítica como conceito”. In: *Revista Econômica*, Vol. 2, n. 4, Dez. 2000, p. 85-109.

TOLIPAN, Ricardo. *A necessidade da história do pensamento econômico*. Rio de Janeiro, IE/UFRJ. (Texto para Discussão nº 3), 1982a.

\_\_\_\_\_. *A questão do método em economia política*. Rio de Janeiro, IE/UFRJ. (Texto para Discussão nº 5), 1982b.

\_\_\_\_\_. *A ironia na História do Pensamento Econômico*. Tese Professor Titular, Faculdade de Economia e Administração (FEA), Universidade Federal do Rio de Janeiro, julho 1988.

ZIZEK, S. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996, p. 7-38.